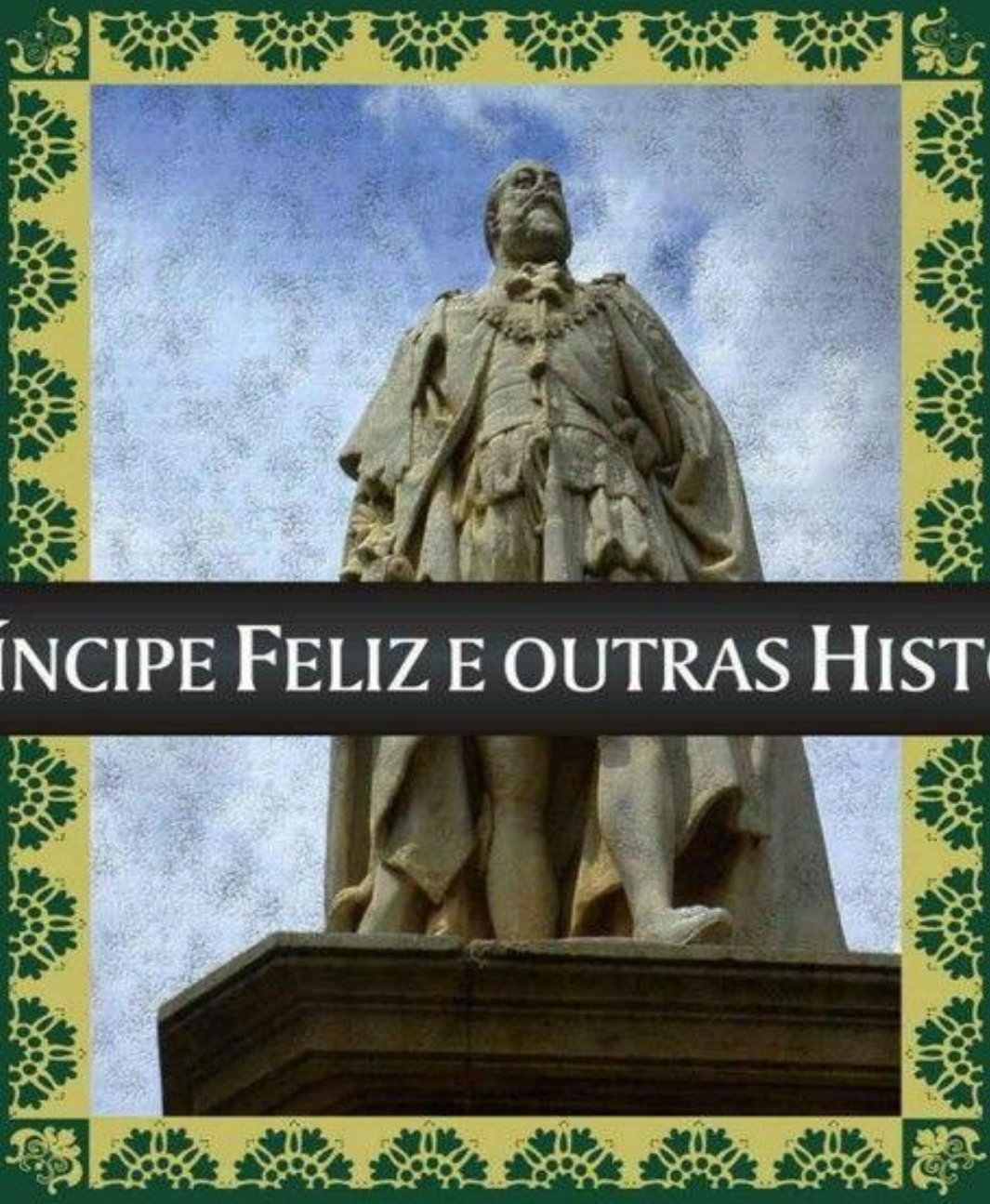
WILDE

THE HAPPY PRINCE AND OTHER STORIES

EDIÇÃO BILÍNGUE



O PRÍNCIPE FELIZ E OUTRAS HISTÓRIAS

LANDMARK

OSCAR WILDE

O PRÍNCIPE FELIZ E OUTRAS HISTÓRIAS

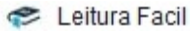
EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS / INGLÊS

THE HAPPY PRINCE AND OTHER STORIES

EDITORA LANDMARK

SÃO PAULO - SP - BRASIL
2013

COPYRIGHT 2013 BY EDITORA LANDMARK LTDA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PARA ESTA EDIÇÃO À EDITORA LANDMARK LTDA.
TEXTO ADAPTADO À NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA DE ACORDO COM O DECRETO N° 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008
DIRETOR EDITORIAL: FABIO CYRINO
TRADUÇÃO E NOTAS: LUCIANA SALGADO G. MOREIRA
REVISÃO: FRANCISCO DE FREITAS
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SÃO PAULO, BRASIL)
WILDE, OSCAR. (1854 - 1900)
O PRÍNCIPE FELIZ E OUTRAS HISTÓRIAS - THE HAPPY PRINCE AND OTHER STORIES /
OSCAR WILDE; {TRADUÇÃO E NOTAS LUCIANA SALGADO}
SÃO PAULO : EDITORA LANDMARK, 2010.
EDIÇÃO BILÍNGUE : INGLÊS / PORTUGUÊS
ISBN 978-85-88781-59-7
E-ISBN 978-85-88781-85-6
1. CONTOS INGLESES I. SALGADO, LUCIANA. II. TÍTULO. III. TÍTULO: THE HAPPY PRINCE AND OTHER STORIES.
10-09360 / CDD - 823.91
ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. CONTOS: LITERATURA INGLESA 823.91
TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO.
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA TRADUÇÃO E PRODUÇÃO.



EDITORA LANDMARK
RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12° ANDAR - SANTANA
02017-010 - SÃO PAULO - SP
TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095
E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR
WWW.EDITORALANDMARK.COM.BR
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
2013

COPYRIGHT 2013 BY EDITORA LANDMARK LTDA

O PRÍNCIPE FELIZ E OUTRAS HISTÓRIAS
O PRÍNCIPE FELIZ
A ROUXINOL E A ROSA
O GIGANTE EGOÍSTA
O AMIGO DEDICADO
O FOGUETE NOTÁVEL
THE HAPPY PRINCE AND OTHER STORIES
THE HAPPY PRINCE
THE NIGHTINGALE AND THE ROSE
THE SELFISH GIANT
THE DEVOTED FRIEND
THE REMARKABLE ROCKET
OSCAR WILDE

OSCAR WILDE

16 DE OUTUBRO DE 1854 : 30 DE NOVEMBRO DE 1900

O PRÍNCIPE FELIZ E OUTRAS HISTÓRIAS

O PRÍNCIPE FELIZ

Acima da cidade, em uma coluna alta, repousava a estátua do Príncipe Feliz.

Ele estava inteiramente coberto com folhas finas de ouro puro; no lugar dos olhos havia duas safiras brilhantes e um rubi vermelho, enorme, ardia no punho de sua espada.

Ele era, de fato, muito admirado. "Ele é belo como a rosa dos ventos", observou um dos conselheiros da cidade, que desejava obter reputação por seu gosto artístico; "só que não é muito útil", acrescentou, temendo que as pessoas o considerassem pouco prático, o que ele realmente não era.

"Por que você não pode ser como o Príncipe Feliz", perguntou a mãe, sensata, ao seu pequeno filho que suplicava por coisas impossíveis. "O Príncipe Feliz nunca suplicou por nada, nem em sonho".

"Eu estou contente por saber que alguém no mundo que é feliz", murmurou o homem frustrado assim que se deparou com a maravilhosa estátua.

"Ele se parece com um anjo", disseram as Crianças Caridosas[1] tão logo saíram da catedral em seus mantos escarlate brilhantes e aventais brancos muito limpos.

"Como vocês podem saber?", disse o Professor de Matemática, "se vocês nunca viram um?"

"Ah, mas nós vemos, em nossos sonhos", responderam as crianças; e o Professor de Matemática franziu as sobrancelhas num olhar severo, porque ele não aprovava o que as crianças sonhassem.

Certa noite, uma Andorinha sobrevoou a cidade.

Seus amigos tinham ido ao Egito seis semanas antes, mas ele[2] ficou para trás, por estar apaixonado pelo mais belo Junco que encontrara no começo da primavera, quando voava rio abaixo atrás de uma imensa mariposa amarela. Ele se sentiu tão atraído por sua cintura delgada que teve que parar para conversar.

"Eu poderia amá-la[3]?", disse a Andorinha, que gostava de ir direto ao ponto, e Junco curvou-se, numa pequena saudação. Então ele voou várias vezes em torno dela, tocando a água com suas asas, provocando ondulações prateadas. Essa era sua maneira de cortejá-la, e ele assim o fez durante todo o verão.

"Trata-se de uma fixação ridícula", gorjearam as outras Andorinhas; "ela não tem dinheiro algum, e além do mais, tem um monte de parentes", e, de fato,

o rio estava completamente lotado de juncos. Então, quando chegou o outono, todas as andorinhas voaram para longe.

Depois que elas partiram ele sentiu-se só, e começou a cansar-se de sua amada. "Ela não tem assunto", disse ele, "e estou com medo de que seja leviana, por estar sempre flertando com o vento".

E, de fato, sempre que o vento soprava, Junco fazia as mais graciosas reverências. "Eu aceito que ela seja caseira", prosseguiu, "mas amo viajar e minha esposa, consequentemente, também deve amar as viagens".

"Você iria embora comigo?", disse ele, finalmente, mas Junco balançou a cabeça, estava presa demais em sua própria casa.

"Você esteve brincando comigo", ele lamentou. "Vou para as pirâmides. Adeus", e voou para longe.

Ele voou durante todo o dia e ao cair da noite alcançou a cidade. "Onde poderei me hospedar?", disse, "espero que a cidade tenha feito os preparativos".

Então avistou a estátua sobre a alta coluna.

"Eu me hospedarei lá", exclamou; "é um bom lugar, repleto de ar fresco".

Assim, ele pousou entre os pés do Príncipe Feliz.

"Tenho uma cama de ouro", disse suavemente para si mesmo ao olhar em volta, e preparou-se para dormir. Mas, tão logo acomodou a cabeça sob a asa, uma espessa gota-d´água caiu sobre ele.

"Que coisa interessante!" exclamou; "não há uma única nuvem no céu, as estrelas estão perfeitamente claras e brilhantes, e ainda assim chove. O clima do norte da Europa é mesmo espantoso. Junco costumava gostar da chuva, mas é puro egoísmo da parte dela."

Então outra gota caiu.

"Qual a utilidade de uma estátua se ela não pode nos proteger da chuva?", disse ele.

"Devo procurar por uma boa cobertura de chaminé", e decidiu ir embora.

Mas antes de ter aberto as asas, a terceira gota caiu; ele olhou para cima e então viu. Ah! E o que ele viu?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam repletos de lágrimas, e lágrimas escorriam de sua face dourada. Seu rosto estava tão belo sob a luz da lua que Andorinha encheu-se de pena.

"Quem é você?", disse ele.

"Sou o Príncipe Feliz".

"Então por que choras?", perguntou Andorinha, "você me deixou encharcado".

"Quando eu estava vivo e possuía um coração humano", respondeu a estátua, "eu não conhecia lágrimas, porque vivia no Palácio de Sans-Souci[4], onde a tristeza não pode entrar. Durante o dia eu jogava no jardim com meus companheiros e à noite eu conduzia a dança no grande salão. Ao redor do jardim erguia-se um muro grandioso, imponente, mas eu nunca me preocupei em perguntar o que havia além dele, porque tudo em minha vida era belo. Meus cortesãos chamavam-me de Príncipe Feliz, e eu era mesmo feliz, se prazer for felicidade. Assim vivi, até a morte. E agora que estou morto me puseram aqui no alto de onde posso avistar toda a feiura e a miséria de minha cidade, e ainda que meu coração seja moldado em chumbo, não tenho escolha a não ser chorar".

"Quê? Ele não é feito de ouro maciço?", disse Andorinha para si mesmo, pois era educado demais para emitir qualquer tipo de opinião pessoal em voz alta.

"Longe daqui", prosseguiu a estátua, numa voz baixa e melodiosa, "longe daqui, em uma pequena rua, existe uma casa pobre. Uma das janelas está aberta e através dela posso ver uma mulher sentada à mesa. Seu rosto é frio e macilento, suas mãos são vermelhas e ásperas, com muitas picadas de agulhas, por ser costureira. Ela está bordando flores de maracujá em um vestido de cetim para a dama de honra preferida da rainha usar no próximo baile da Corte".

"Numa cama no canto do quarto seu pequeno filho está deitado, enfermo. Está febril e pede que lhe deem laranjas. Sua mãe não tem nada a lhe oferecer além da água do rio, e por isso ele chora. Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha, você não poderia levar a ela o rubi que está no cabo de minha espada? Meus pés estão presos neste pedestal e não posso me mover".

"Esperam por mim no Egito", disse Andorinha. "Meus amigos voam por todo o Nilo e conversam com as enormes flores-de-lótus. Em breve eles dormirão na tumba do grande rei. O próprio rei está pintado no esquife. Está envolto em linho amarelo, embalsamado com especiarias. Em torno do pescoço há uma corrente de jade verde pálido, e suas mãos são como folhas secas".

"Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha", disse o Príncipe, "você não poderia ficar comigo apenas por uma noite e ser meu mensageiro? O menino tem muita sede e a mãe está tão triste".

"Eu não sei se gosto de meninos", respondeu Andorinha. "No último verão, quando estava no rio, havia dois garotos grosseiros; eram irmãos e atiravam pedras em mim. Nunca me acertaram, naturalmente, nós andorinhas voamos bem demais, e além disso, eu venho de uma família famosa pela habilidade; mas ainda assim isso demonstra desrespeito".

Mas o Príncipe Feliz parecia muito triste e Andorinha arrependeu-se.

"Está muito frio aqui", ele disse; "mas eu ficarei com você por uma noite, e serei seu mensageiro".

"Muito obrigado, pequeno Andorinha", disse o Príncipe.

Então Andorinha removeu da espada o grande rubi e voou, carregando-o no bico, por sobre os telhados da cidade.

Passou pela torre da catedral, onde estavam esculpidos os anjos de mármore branco. Passou pelo palácio e ouviu os sons da dança. Uma bela jovem veio à sacada com seu amado.

"Como são maravilhosas as estrelas", ele disse a ela, "e como é maravilhosa a força do amor!".

"Eu espero que meu vestido esteja pronto a tempo para o Baile da Corte", disse ela. "Ordenei que fossem bordadas flores-de-maracujá, mas a costureira é tão preguiçosa".

Passou pelo rio e viu as lanternas penduradas nos mastros dos barcos. Passou pelo gueto e viu os velhos judeus barganhando entre si, pesando dinheiro em balanças de cobre. Por fim chegou à casa pobre e olhou para dentro. Na cama, o menino agitava-se, febril, e sua mãe havia caído no sono, de tanto cansaço. Num salto, ele pousou o grande rubi na mesa, perto do dedal. Então voou gentilmente ao redor da cama, abanando as asas na fronte do menino.

"Como eu me sinto refrescado", disse o garoto, "devo estar melhorando"; e mergulhou num sono gostoso.

Assim, Andorinha voou de volta para o Príncipe Feliz, e contou a ele o que havia feito.

"Curioso", reparou, "mas eu me sinto aquecido agora, apesar de estar tão frio".

"Isso é porque você fez uma boa ação", disse o Príncipe.

Andorinha começou a pensar e logo se sentiu sonolento, pois pensar sempre lhe dava sono.

Quando o dia amanheceu, ele voou para o rio e banhou-se.

"Que fenômeno notável", disse o Professor de Ornitologia enquanto atravessava aponte. "Uma Andorinha no inverno!". E escreveu um longo artigo sobre o fato no jornal da cidade. Todos notaram o artigo, repleto de palavras que ninguém entendia.

"Esta noite parto para o Egito", disse Andorinha, extremamente animado com a perspectiva. Visitou todos os monumentos públicos e passou longo tempo no alto da torre da igreja. Onde quer que fosse, os pardais gorjeavam e diziam

entre si, "Que visitante ilustre!", e ele se divertia. Quando surgiu a lua, voou de volta pra o Príncipe Feliz.

"Você tem alguma recomendação para o Egito?", exclamou, "pois estou partindo".

"Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha", disse o Príncipe, "você não ficará comigo a noite toda?".

"Esperam por mim no Egito", respondeu Andorinha. "Amanhã meus amigos voarão por sobre a segunda catarata. Ali, o hipopótamo deita-se entre os juncos e num grande trono de granito está sentado o deus Memnon. Durante toda a noite ele observa as estrelas e quando brilha a estrela da manhã, solta um brado de satisfação e silencia. Ao meio-dia os leões dourados vêm à beira-d´água para matar a sede. Seus olhos parecem berilos verdes e o rugido é mais potente que o estrondo da catarata".

"Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha", disse o Príncipe, "longe, cruzando a cidade, vejo um jovem num sótão. Está inclinado sobre uma escrivaninha coberta de papéis e num copo a seu lado está um ramalhete de violetas murchas. Seu cabelo é castanho e ondulado, os lábios são rubros como romã e ele possui grandes olhos sonhadores. Ele tenta terminar uma peça para o Diretor do Teatro, mas está com muito frio para poder continuar. Não há fogo na grelha e a fome o fez desmaiar".

"Ficarei com você por mais uma noite", disse Andorinha, que tinha um coração realmente bom. "Devo levar a ele outro rubi?".

"Ai de mim! Agora não tenho mais nenhum rubi", disse o Príncipe, "meus olhos são a única coisa que me resta. Eles são feitos de safiras raras, trazidas da Índia há milhares de anos atrás. Arranque um deles e dê ao jovem. Ele o venderá a algum joalheiro, então poderá comprar comida e lenha e terminar a peça".

"Querido Príncipe", disse Andorinha, "eu não posso fazer isso", e começou a chorar.

"Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha", disse o Príncipe, "assim eu te ordeno".

Então Andorinha arrancou o olho do Príncipe e voou para o sótão do estudante. Foi bem fácil entrar, pois havia um buraco no telhado. Atirou-se por ele e entrou no quarto. O jovem tinha a cabeça enterrada entre as mãos, por isso não ouviu o esvoaçar das asas do pássaro, e quando ergueu os olhos, viu a bela safira repousando sobre as violetas murchas.

"Eu começo a ser apreciado", exclamou, "isso veio de um grande

admirador. Agora posso concluir minha peça", e parecia completamente feliz.

No dia seguinte Andorinha voou até o porto. Sentou-se no mastro de um grande navio e observou os marinheiros puxarem com uma corda grandes arcas de dentro de um porão.

"Ergue, ó de bordo!", gritavam a cada caixote içado.

"Eu vou para o Egito", gritava Andorinha, mas ninguém se importava, e quando a lua surgiu, voou ao encontro do Príncipe Feliz.

"Vim para dar-lhe adeus", exclamou.

"Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha", disse o Príncipe, "você não ficaria comigo a noite toda?".

"É inverno", respondeu Andorinha, "e a neve gelada logo chegará. No Egito, o sol aquece as palmeiras verdejantes e os crocodilos deitam-se na lama, preguiçosos. Meus companheiros fazem ninhos no Templo de Baalbec e as pombas rosas e brancas os observam, arrulhando uma com as outras". "Querido Príncipe, preciso deixá-lo, mas nunca o esquecerei, e na próxima primavera trarei duas belas joias no lugar daquelas que você ofertou. O rubi será mais rubro que a rosa vermelha e a safira será tão azul quanto o oceano".

"Na praça, logo abaixo", disse o Príncipe, "encontra-se uma pequena menina dos fósforos. Ela deixou os fósforos caírem na sarjeta e agora eles estão estragados. Apanhará do pai se não levar nenhum dinheiro para casa, por isso está chorando. Ela não tem meias ou sapatos e a cabecinha está descoberta. Arranque meu outro olho e dê a ela, para que não apanhe do pai".

"Permanecerei contigo por mais uma noite", disse Andorinha, "mas não posso arrancar-lhe o olho. Ficará completamente cego se eu o fizer".

"Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha", disse o Príncipe, "assim eu te ordeno".

Então ele arrancou o outro olho do Príncipe e voou como um dardo para baixo. Desceu sobre a menina dos fósforos e deslizou a joia na palma de sua mão.

"Que belo pedacinho de vidro", exultou a menininha, e correu para casa, rindo.

Então Andorinha retornou ao Príncipe: "Você está cego agora", disse, "por isso ficarei com você para sempre".

"Não, pequeno Andorinha", disse o pobre Príncipe, "você deve ir embora para o Egito".

"Ficarei sempre com você", disse Andorinha, e dormiu aos pés do Príncipe.

No dia seguinte ele sentou-se no ombro do Príncipe e contou-lhe histórias sobre o que vira em terras estrangeiras. Contou-lhe sobre íbis vermelhos, que ficam enfileirados nos bancos de areia do Nilo, apanhando peixes dourados com os bicos. Falou-lhe sobre a esfinge, que é tão antiga quanto o próprio mundo, vive no deserto e tudo sabe; sobre os mercadores, que caminham lentamente ao lado de seus camelos, carregando contas âmbar nas mãos. Contou-lhe sobre o Rei das Montanhas da Lua, negro como o ébano, e que venera um imenso cristal; sobre a grande serpente verde que dorme numa palmeira e possui vinte sacerdotes para alimentá-la com bolos de mel. Sobre os pigmeus que velejam o grande lago sobre amplas folhas planas e estão sempre em guerra com as borboletas.

"Querido Andorinha", disse o Príncipe, "você me contou a respeito de coisas espantosas, porém mais espantoso que tudo é o sofrimento de homens e mulheres. Não há mistério tão grande quanto a miséria. Voe por sobre minha cidade, pequeno Andorinha, e diga-me o que você avista por lá".

Então Andorinha sobrevoou a grande cidade, e viu os ricos se divertindo em suas belas casas enquanto mendigos sentavam-se nos portões. Voou por becos escuros e viu as faces lívidas das crianças famintas olhando indiferentes e desanimadas nas ruas sombrias. Sob o arco da ponte, dois pequenos garotos deitavam-se nos braços um do outro, tentando se manterem aquecidos.

"Como estão famintos!", disse Andorinha.

"Vocês não podem se deitar aqui", gritou o guarda, e eles vagaram pela chuva afora.

Então Andorinha retornou e contou ao Príncipe o que havia visto.

"Eu estou coberto de puro ouro", disse o Príncipe, "você deve retirá-lo, folha por folha, e dá-lo aos pobres. Os vivos sempre acham que o ouro pode fazê-los felizes".

Folha por folha do refinado ouro Andorinha retirou, até o Príncipe tornar-se completamente tosco e cinzento. Folha por folha do refinado ouro ele entregou aos pobres, e as faces das crianças se tornaram mais rosadas, elas riam e brincavam nas ruas.

"Temos pão agora!", exultavam.

Veio a neve e em seguida, a geada. As ruas pareciam feitas de prata de tão brilhantes e resplandecentes; longos pingentes de gelo, como punhais de cristal, penduravam-se nos beirais das casas; as pessoas cobriam-se de peles; menininhos usavam gorros escarlates e deslizavam sobre o gelo.

O pobre e pequeno Andorinha estava cada vez mais gelado, mas não

poderia abandonar o Príncipe, pois o amava muito. Colhia migalhas na frente da padaria quando o padeiro não estava olhando e batia as asas na tentativa de manter-se aquecido. Por fim, ele percebeu que estava morrendo. Só teve forças para voar até o ombro do Príncipe mais uma vez.

"Adeus, querido Príncipe", murmurou, "você me permitiria beijar sua mão?".

"Estou contente em saber que você finalmente voará para o Egito, pequeno Andorinha", disse o Príncipe. "Você ficou por aqui por tempo demais; mas deve beijar-me nos lábios, pois eu o amo".

"Não é para o Egito que estou partindo", disse Andorinha, "estou indo para a Morada da Morte. A Morte é irmã do sono, não é?".

Beijou o Príncipe Feliz nos lábios e caiu morto a seus pés.

Nesse momento um estranho barulho ecoou do interior da estátua, como se algo tivesse se quebrado. De fato, o coração de chumbo partira-se em dois. Fazia, sem dúvida, um frio tremendamente severo.

Logo cedo, na manhã seguinte, o Prefeito caminhava na companhia do Conselheiro da Cidade. Ao passar pela coluna, olhou para a estátua: "Meu Deus! Como o Príncipe Feliz parece acabado!", disse ele.

"Deveras acabado!", exclamou o Conselheiro da Cidade, que sempre concordava com o Prefeito, e puseram-se a olhá-la.

"O rubi desprendeu-se da espada, os olhos se foram, e ele não está mais dourado", disse o Prefeito. "Na verdade, ele parece pouco melhor que um mendigo!".

"Pouco melhor que um mendigo", replicou o Conselheiro.

"E há até mesmo um pássaro morto a seus pés!", prosseguiu o Prefeito. "Nós precisamos mesmo editar uma proclamação proibindo pássaros de morrerem aqui". E o Escrevente da cidade redigiu uma nota com a sugestão.

Então derrubaram a estátua do Príncipe Feliz.

"Como ele perdeu a beleza, perdeu também a utilidade", disse o Professor de Arte da Universidade.

Derreteram a estátua na fornalha e o Prefeito convocou uma reunião da Corporação para decidir o que seria feito com o metal.

"Nós precisamos de outra estátua, naturalmente", disse ele, "e deve ser uma estátua de mim mesmo".

"De mim!", disseram cada um dos Conselheiros da Cidade, e começaram a discutir. Da última vez que ouvi falar deles, ainda estavam discutindo.

"Que coisa estranha!", disse o inspetor dos operários da fundição. "Esse

coração partido de chumbo não permite ser derretido na fornalha. Devemos atirá-lo fora". Então eles o arremessaram em um monte de poeira, no lugar em que jazia o Andorinha.

"Traga-me as duas coisas mais preciosas da cidade", disse Deus a um de seus Anjos, e o Anjo trouxe-Lhe o coração de chumbo e o pássaro morto.

"Você fez a escolha mais acertada", disse Deus, "pois em meu jardim no Paraíso esse pequeno pássaro deverá cantar para sempre, e em minha cidade de ouro o Príncipe Feliz deverá louvar-me".

FIM

A ROUXINOL E A ROSA

"Ela disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse rosas vermelhas", exclamou o jovem Estudante, "mas em todo o meu jardim não tem uma única rosa vermelha".

Do seu ninho, na árvore de carvalho, a Rouxinol o ouviu, e olhou por entre as folhas, curiosa.

"Nem uma única rosa vermelha em todo o jardim!", lamentou-se o jovem, e seus belos olhos encheram-se de lágrimas. "Ah! Como a felicidade depende de coisas tão simples! Eu li tudo o que os sábios escreveram, e possuo todos os segredos da filosofia, ainda assim, por desejar uma rosa vermelha, minha vida foi arruinada".

"Aqui, finalmente, está um verdadeiro apaixonado!", disse a Rouxinol. "Noite após noite tenho cantado a respeito dele, apesar de não conhecê-lo: noite após noite contei sua história para as estrelas, e agora eu o vejo. Seus cabelos são negros como o jacinto em flor e seus lábios são rubros como as rosas que deseja; mas a paixão tornou-lhe a face pálida como o marfim e a tristeza marcam-lhe a fronte".

"O Príncipe promoverá um baile amanhã à noite", murmurou o jovem estudante, "e minha amada estará sem companhia. Se eu levasse a ela uma rosa vermelha, ela dançaria comigo até o amanhecer. Se eu levasse a ela uma rosa vermelha, poderia envolvê-la em meus braços; ela repousaria a cabeça em meu ombro e sua mão ficaria presa à minha. Mas não existe uma única rosa vermelha em meu jardim, por isso me sentarei sozinho no baile, e ela passará reto por mim. Não irá reparar em mim, e isso partirá meu coração".

"Trata-se mesmo de um verdadeiro apaixonado", disse a Rouxinol. "O que eu canto, ele sofre; o que para mim é diversão, para ele é dor. Certamente o Amor é uma coisa maravilhosa. Tem mais valor que as esmeraldas e é mais desejado que preciosas e refinadas pedrarias de opala. Pérolas e romãs não podem comprá-lo, ainda que ele esteja exposto no mercado. Ele não pode ser adquirido por mercadores, nem pode ser vendido a peso de ouro".

"Os músicos se sentarão em seus lugares", disse o jovem Estudante, "e tocarão seus instrumentos de corda, e minha amada dançará ao som de harpas e violinos. Ela dançará com tanta leveza que seus pés não tocarão o piso, e as cortesãs em seus alegres vestidos se reunirão em torno dela. Mas comigo ela não dançará, porque não tenho uma rosa vermelha para oferecer-lhe", e atirando-se na relva, escondeu a face entre as mãos e chorou.

"Por que ele chora?", perguntou a pequena lagartixa verde ao passar correndo, com a cauda erguida, ao lado do jovem.

"Por que, de fato?", disse a Borboleta, que esvoaçava por perto seguindo um raio de sol.

"Por que, na verdade?", sussurrou a Margarida ao seu vizinho, numa voz baixa e suave.

"Ele chora por uma rosa vermelha", disse a Rouxinol.

"Por uma rosa vermelha?", exclamaram, "que ridículo!", e a pequena lagartixa, que era um pouco cínica, riu bem alto.

Mas a Rouxinol compreendeu o segredo da tristeza do Estudante e, sentada num ramo de carvalho, meditou a respeito do mistério do Amor.

Subitamente, estendeu as asas castanhas para voar e ergueu-se nos ares. Passou pelo bosque como uma sombra, e como uma sombra voou através do jardim.

No centro do canteiro de grama havia uma bela roseira e quando a Rouxinol a viu, voou em sua direção, pousando em um dos ramos.

"Dê-me uma rosa vermelha", clamou, "e eu cantarei para você minha mais doce melodia".

Mas a Roseira meneou a cabeça.

"Minhas rosas são brancas", respondeu, "tão brancas quanto a espuma do mar e mais brancas que a neve sobre a montanha. Porém, vá até meu irmão que cresce perto do relógio de sol e talvez ele dê o que você deseja".

Sendo assim, a Rouxinol sobrevoou a roseira que crescia próxima ao antigo relógio de sol.

"Dê-me uma rosa vermelha"; ela clamou, "e eu cantarei para você minha mais doce melodia".

Mas a Roseira meneou a cabeça.

"Minhas rosas são amarelas", respondeu, "tão amarelas quanto os cabelos das sereias que se sentam no trono âmbar e mais amarelas que o narciso em flor na campina antes que o ceifador venha com sua foice. Porém, vá até meu irmão que cresce abaixo da janela do Estudante, e talvez ele dê o que você deseja".

Sendo assim, a Rouxinol sobrevoou a roseira que crescia abaixo da janela do Estudante.

"Dê-me uma rosa vermelha", ela clamou, "e eu cantarei para você minha mais doce melodia". E meneou a cabeça.

"Minhas rosas são vermelhas", respondeu, "tão vermelhas quanto os pés

das pombas e mais vermelhas que os grandes leques de corais que ondulam e ondulam na caverna oceânica. Mas o inverno resfriou minhas veias e a geada queimou meus botões, a tempestade quebrou meus galhos e eu não terei rosas este ano".

"Uma única rosa vermelha, é tudo o que eu quero", lamentou a Rouxinol. "Apenas uma rosa vermelha! Não existe nenhuma maneira de consegui-la?".

"Existe uma", respondeu a Roseira, "mas é tão terrível que eu não tenho coragem de contá-la a você?".

"Conte para mim", disse a Rouxinol, "eu não tenho medo".

"Se quiser uma rosa vermelha", disse a Roseira, "deverá forjá-la com música à luz da lua e tingi-la com o sangue de seu próprio coração. Deverá cantar para mim com um espinho fincado no peito. Durante toda a noite você deverá cantar para mim, e o espinho deverá furar seu coração; seu sangue vital deverá fluir para minhas veias, e tornar-se meu".

"A Morte é um preço alto a ser pago por uma rosa vermelha", lamentou-se a Rouxinol, "e a vida é cara a todos. É prazeroso pousar na floresta verde e observar o sol em sua carruagem de fogo, e a lua em sua carruagem de pérolas. Doce é o aroma da pequena roseira e doces são as campânulas que se escondem no vale e a urze que floresce na colina. Ainda assim o Amor é melhor que a vida, e o que é o coração de um pássaro comparado ao coração de um homem?".

Então ela abriu as asas castanhas para voar, e lançou-se nos ares. Sobrevoou o jardim como uma sombra, e como uma sombra flutuou através do bosque.

O jovem Estudante permanecia deitado na relva, onde ela o deixara, e as lágrimas em seus belos olhos ainda não haviam secado.

"Alegre-se", gritou a Rouxinol, "alegre-se, você terá sua rosa vermelha. Eu a forjarei com minha música à luz da lua, e a tingirei com o sangue de meu próprio coração. Tudo o que eu peço em troca é que você seja um amante sincero, porque o Amor é mais sábio que a Filosofia, ainda que esta seja sábia, e mais poderoso que a Força, ainda que esta seja poderosa. Suas asas têm a cor do fogo, e rubro como as chamas é o seu corpo. Seus lábios são doces como o mel, e seu hálito é como um incenso".

O Estudante olhou acima da relva e ouviu, mas não pôde compreender o que a Rouxinol lhe dizia, pois conhecia apenas o que estava escrito nos livros.

Mas a árvore de Carvalho compreendeu e entristeceu-se, pois havia se tornado íntimo da Rouxinol, que fizera o ninho em seus galhos.

"Cante-me uma última canção", sussurrou, "eu me sentirei muito só

quando você partir".

E a Rouxinol cantou para o Carvalho, e sua voz lembrava o murmúrio da água fluindo de um jarro de prata.

Quando ela terminou a canção, o Estudante levantou-se e puxou do bolso um lápis e um caderno de notas.

"Ela tem estilo", disse para si mesmo enquanto caminhava pelo bosque, "isso não se pode negar, mas será que ela tem sentimentos? Temo que não. Na verdade, ela é como a maioria dos artistas: possui toda a técnica, mas não há sinceridade. Não se sacrificaria pelos outros, pois se preocupa apenas com a música, e todos sabem que a arte é egoísta. Ainda assim, é preciso admitir que ela atinge belas notas com a voz. É pena que isso não signifique nada, nem faça algo de bom na prática".

Então ele entrou em seu quarto, deitou-se na pequena cama e começou a pensar em seu amor. Depois de um tempo, caiu no sono.

Quando a lua resplandeceu no céu, a Rouxinol voou para a roseira e pôs o peito contra o espinho. Por toda a noite ela cantou com o espinho cravado no peito, e a fria lua de cristal inclinou-se para ouvi-la. Durante toda a noite ela cantou, e o espinho cravou-se cada vez mais fundo em seu peito, enquanto esvaía-se o sangue vital.

Primeiro cantou o nascimento do amor no coração de um rapaz e de uma moça. E no topo do ramo mais alto da Roseira floresceu uma rosa esplêndida, pétala por pétala, como uma canção era seguida de outra. Pálida, no início, como a bruma que paira sobre o rio; pálida como os pés da manhã e prateada como as asas do amanhecer. Como a imagem de uma rosa refletida num espelho de prata, como a imagem de uma rosa em uma pequena lagoa, assim era a rosa que floresceu no ramo mais alto da Roseira.

Mas a Roseira suplicou à Rouxinol que apertasse mais o peito contra o espinho.

"Aperte mais, pequena Rouxinol", clamou a roseira, "ou o dia romperá antes que a rosa esteja pronta".

Então a Rouxinol forçou ainda mais o peito na direção do espinho, e sua música cresceu mais e mais alta, porque ela cantava o amor que nascia na alma de um homem e de uma mulher.

Um delicado rubor rosado surgiu entre as folhas da rosa, como o rubor na face do noivo ao beijar os lábios da noiva. Porém, o espinho ainda não atingira o coração, e assim o coração da rosa permanecia branco, pois apenas o sangue do coração de um rouxinol pode tingir de vermelho o coração de uma rosa.

A Roseira suplicou à Rouxinol que apertasse ainda mais o peito contra o espinho.

"Aperte mais, pequena Rouxinol", clamou a Roseira, "ou o dia romperá antes que a rosa esteja pronta".

Então a Rouxinol aproximou-se ainda mais, o espinho tocou seu coração e ela sentiu uma pontada de dor aguda. Mais e mais penetrante era a dor, e a música crescia mais e mais impetuosa, pois ela cantava o Amor sublimado pela Morte, o Amor que não morre no sepulcro.

E a rosa esplêndida tingiu-se de rubro, como a rosa do firmamento do firmamento. Rubro era o anel de pétalas; rubro como o rubi era o coração.

Mas a voz da Rouxinol tornou-se fraca, suas pequenas asas começaram a bater e um véu cobriu seus olhos. Mais e mais fraca tornou-se a música e ela sentiu alguma coisa asfixiando-lhe a garganta.

Com isso, sua música irrompeu uma última vez. A lua branca a ouviu e esquecendo-se da alvorada, demorou-se no céu. A rosa vermelha a ouviu, e estremeceu inteira em êxtase, abrindo as pétalas para o ar frio da manhã. Eco levou o canto até sua caverna púrpura nas colinas, despertando os pastores de seus sonhos. A melodia flutuou através dos juncos do rio, que levou a mensagem até o mar.

"Olhe, olhe!", exclamou a Roseira, "a rosa está pronta agora"; mas a Rouxinol não deu reposta, pois jazia morta na relva alta, com o espinho cravado em seu coração.

Ao meio-dia o Estudante abriu a janela e olhou ao redor.

"Nossa, que grande golpe de sorte!", exultou, "aqui está a rosa vermelha! Eu nunca vi uma rosa como esta em toda a minha vida. Ela é tão linda que eu garanto que seu nome científico é imenso". Inclinou-se e apanhou a rosa.

Então, pôs o chapéu e correu até a casa do Professor, segurando a rosa.

A filha do Professor estava sentada à porta, enrolando fios de seda azuis em um carretel, e seu pequeno cachorro deitava-se a seus pés.

"Disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse uma rosa vermelha", clamou o Estudante, "aqui está a rosa mais vermelha de todo o mundo. Você a usará esta noite, próxima ao coração, e enquanto estivermos juntos, dançando, ela lhe dirá o quanto eu a amo".

Mas a garota aborreceu-se.

"Temo que essa rosa não combine com meu vestido", respondeu, "além do mais, o sobrinho do Camarista enviou-me joias verdadeiras, e todos sabem que joias são muito mais caras que flores".

"Bem, no meu entender, você é muito ingrata", disse, furioso, o Estudante e atirou a rosa na calçada. Ela caiu na sarjeta e foi esmagada por uma carroça.

"Ingrato!", disse a moça. "Vou dizer-lhe o que você é, você é muito grosseiro e, além do mais, quem é você? Apenas um Estudante. Porque eu não acredito nem que seus sapatos tenham fivelas de prata, como as do sobrinho do Camarista".

Ela levantou-se da cadeira e entrou na casa.

"Que coisa estúpida é o Amor", disse o Estudante enquanto caminhava. "Não tem nem metade da utilidade da Lógica, porque não prova nada e está sempre dizendo às pessoas coisas que não vão acontecer, fazendo-as acreditar em coisas que não são verdadeiras. Na verdade, é completamente inútil, e, nos dias de hoje, ser útil é tudo. Voltarei à Filosofia e ao estudo da Metafísica".

Sendo assim, ele retornou ao quarto, puxou um livro empoeirado e começou a ler.

FIM

O GIGANTE EGOÍSTA

Todas as tardes, ao voltarem da escola, as crianças costumavam brincar no jardim do Gigante. Era um jardim grande e adorável, com grama verde e macia. Aqui e ali, por entre a grama, havia belas flores, iguais às estrelas. Havia doze pessegueiros que na estação primaveril irrompiam em delicados botões rosados e perolados, e, no outono, ficavam carregados de frutas saborosas. Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças costumavam interromper seus jogos para ouvi-los. "Como somos felizes aqui!", elas diziam umas às outras.

Um dia o Gigante retornou. Ele tinha ido visitar um amigo, o Ogro da Cornualha, e ficado com ele por sete anos. Passados os sete anos, o Gigante já havia conversado sobre tudo o que sabia, pois seus assuntos eram limitados, e então resolveu voltar ao seu próprio castelo. Ao chegar, viu as crianças brincando no jardim.

"O que vocês fazem no meu jardim?", gritou com voz áspera, e as crianças fugiram para longe.

"Meu jardim é meu jardim", disse o Gigante, "qualquer um pode entender isso, e eu não permitirei que ninguém brinque nele além de mim".

Sendo assim, ergueu um muro alto ao redor de todo o jardim, e afixou uma placa:

INVASORES
SERÃO
PROCESSADOS

Tratava-se de um Gigante bem egoísta.

As pobres crianças não tinham onde brincar. Tentaram brincar na rua, mas a rua estava muito empoeirada e cheia de pedras duras, e elas não gostaram. Costumavam perambular entorno do muro alto quando as aulas acabavam e de conversar a respeito do lindo jardim que havia dentro dele.

"Como nós éramos felizes lá", diziam entre si.

Então veio a primavera, e por todo o país havia pequenas floradas e passarinhos. Apenas no jardim do Gigante Egoísta ainda era inverno. Os pássaros não se preocupavam em cantar lá, pois não havia crianças, e as árvores esqueceram-se de florescer. Apenas uma pequenina flor pôs a cabeça para fora da grama, mas quando viu a placa com o aviso ficou tão triste pelas crianças que escorregou para a terra novamente, voltando a dormir. As únicas

pessoas satisfeitas eram a Neve e a Geada.

"A primavera esqueceu-se desse jardim", exclamaram, "assim sendo nós moraremos aqui durante todo o ano".

A Neve cobriu a grama com seu grande manto branco, e a Geada tingiu as árvores de prata. E então convidaram o Vento do Norte para ficar com elas, e ele veio. Estava envolto em peles e rugiu durante todo o dia sobre o jardim, derrubando as coberturas das chaminés.

"Este lugar é encantador", disse ele, "nós devemos chamar o Granizo para uma visita".

E assim veio o Granizo. Durante três horas todos os dias ele bramia no telhado do castelo até quebrar a maioria das telhas de ardósia, e então corria de novo e de novo em torno do jardim, tão rápido quanto podia. Vestia-se de cinza e seu hálito era como gelo.

"Eu não consigo entender por que a Primavera está demorando tanto a chegar", disse o Gigante Egoísta ao sentar-se à janela e observar seu jardim branco e gelado. "Espero que haja uma mudança no clima".

Mas a Primavera não chegou nunca, nem o Verão. O Outono trouxe frutas douradas para todos os jardins, mas para o jardim do Gigante não trouxe nenhuma.

"Ele é muito egoísta", disse o Outono. Assim, era sempre Inverno no jardim, e o Vento do Norte, o Granizo, a Geada e a Neve dançavam sem parar em redor das árvores.

Certa manhã o Gigante estava acordado, deitado em sua cama, quando ouviu uma música adorável. Soou tão doce para seus ouvidos que pensou que fosse o Rei dos Músicos quem estava passando. Na verdade era apenas um pequeno pintarroxo que cantava do lado de fora da janela, mas fazia tanto tempo que não se ouvia um pássaro cantar em seu jardim, que lhe pareceu ser aquela a mais bela música em todo o mundo. Então o Granizo parou de dançar sobre sua cabeça, o Vento do Norte cessou seu rugido e um perfume delicioso chegou até ele pela janela aberta. "Creio que a Primavera chegou finalmente", disse o Gigante, pulando da cama e olhando para fora.

E o que ele viu?

Viu a cena mais maravilhosa do mundo. As crianças haviam entrado por um pequeno buraco no muro e agora estavam sentadas nos galhos das árvores. Em toda árvore que ele olhava havia uma criancinha sentada. As árvores estavam tão satisfeitas de terem as crianças de volta que se cobriram com botões de flores, e balançavam os braços gentilmente acima da cabeça das

crianças. Os pássaros voavam em volta e gorjeavam, encantados, as flores espiavam e riam por entre a grama verde. Era uma cena adorável e em apenas um canto do jardim ainda era Inverno. Era o canto mais remoto do jardim e nele havia um menininho. De tão pequenino, não conseguia alcançar o galho da árvore e perambulava em torno dela, chorando amargamente. A pobre árvore ainda estava completamente coberta de gelo e neve, e o Vento do Norte soprava e rugia sobre ela.

"Suba, menininho!", disse a Árvore, e curvou seus galhos o mais baixo que pode, mas o menino era pequeno demais.

Quando o Gigante olhou para fora, seu coração derreteu.

"Como tenho sido egoísta!", disse, "agora sei porque a Primavera não pôde vir até aqui. Porei esse pobre menininho no topo da árvore, depois derrubarei o muro, e meu jardim será o parque das crianças para todo o sempre". Ele estava mesmo muito arrependido do que tinha feito.

Desceu as escadas sorrateiramente, abriu a porta da frente bem devagarzinho e entrou no jardim. Mas quando as crianças o viram, ficaram tão assustadas que saíram todas correndo, e o jardim tornou-se Inverno novamente. Só o menininho não correu, porque seus olhos estavam tão cheios de lágrimas que não viu o Gigante se aproximando. O Gigante parou atrás dele, pegou-o gentilmente pela mão e colocou-o no alto da árvore. A árvore floriu pela primeira vez e pássaros vieram cantar nos galhos; o menininho abriu os braços, atirou-os em torno do pescoço do Gigante e o beijou. As outras crianças, quando viram que o Gigante deixara de ser mau, voltaram correndo, e com elas veio a Primavera.

"Agora o jardim é de vocês, pequenas crianças", disse o Gigante, e pegando um grande machado, golpeou o muro até derrubá-lo.

Ao meio-dia, quando as pessoas iam para o mercado, encontraram o Gigante brincando com as crianças no mais belo jardim que já tinham visto. Brincaram durante todo o dia e ao anoitecer elas vieram até o Gigante para se despedir.

"Mas onde está seu pequeno companheiro?", disse ele: "o menino que eu coloquei na árvore?". O Gigante o amava mais que aos outros porque ele o havia beijado.

"Nós não sabemos", responderam as crianças, "ele foi embora".

"Vocês devem dizer a ele para ter confiança e vir até aqui amanhã", disse o Gigante. Mas as crianças disseram não saber onde ele morava, e que nunca o tinham visto antes; e o Gigante sentiu-se muito triste.

Todas as tardes, ao terminarem as aulas, as crianças vinham brincar com o Gigante. Mas o menininho a quem o Gigante amava nunca mais foi visto novamente. O Gigante era muito gentil com todas as crianças, embora desejasse muito rever seu primeiro pequenino amigo, falando nele com frequência.

"Como eu gostaria de vê-lo!", costumava dizer.

Os anos se passaram e o Gigante tornou-se muito velho e fraco. Não podia mais brincar, então se sentava numa imensa poltrona e observava as crianças em seus jogos, admirando o jardim.

"Tenho muitas flores bonitas", dizia ele; "mas as crianças são as flores mais belas".

Numa manhã de Inverno, ele olhou para fora da janela enquanto se vestia. Agora já não odiava o Inverno, pois sabia que era simplesmente o sono da Primavera e que as flores estavam descansando.

De repente ele esfregou os olhos, admirado, e olhou repetidas vezes. Era com certeza uma cena espantosa. No canto mais afastado do jardim havia uma árvore repleta de flores brancas. Os galhos eram inteiramente dourados e deles pendiam frutas prateadas, sob os galhos estava o menininho que ele amava.

O Gigante correu pelas escadas com grande alegria, e entrou no jardim. Cruzou a grama, apressado, e chegou perto da criança. Ao chegar bem perto, seu rosto ficou vermelho de raiva, e ele disse: "Quem ousou te ferir?", pois na palma das mãos da criança havia a marca de dois espinhos, e as marcas de dois espinhos estavam em seus pequeninos pés.

"Quem ousou te ferir?", bradou o Gigante; "diga-me e eu o matarei com minha grande espada".

"Não deves!", respondeu a criança, "pois estas são as feridas do Amor".

"Quem és?", disse o Gigante e tomado por grande reverência, ajoelhou-se perante a pequena criança.

A criança sorriu para o Gigante e disse: "Você me deixou brincar em seu jardim uma vez, hoje você deverá vir comigo até o meu jardim, o Paraíso".

E quando as crianças correram para o jardim naquela tarde, encontraram o Gigante morto sob a árvore, todo coberto de flores brancas.

FIM

O AMIGO DEDICADO

Certa manhã, o velho Rato d'Água pôs a cabeça para fora da toca. Seus olhos eram pequenos e brilhantes como contas, os bigodes eram espessos, cor de cinza, e a cauda longa parecia um pedaço de cana-da-índia escura. Alguns patinhos nadavam em bando por perto, na lagoa, parecendo um monte de canários amarelos, e a mãe deles, de um branco puro, com pernas muito vermelhas, tentava ensiná-los como manterem a cabeça erguida fora da água.

"Vocês nunca farão parte da alta sociedade se não conseguirem manter a cabeça erguida", continuou dizendo a eles; e de vez em quando mostrava como deveria ser feito. Mas os patinhos não prestavam atenção. Eram muito jovens e não sabiam qual a vantagem de pertencer à alta sociedade.

"Que crianças desobedientes!", exclamou o velho Rato d'Água; "merecem mesmo se afogarem".

"Nada fora do normal", respondeu a Pata, "um dia, todos devem começar aprendendo do princípio, e a paciência dos pais nunca é excessiva".

"Ah! Eu não sei nada a respeito do sentimento dos pais", disse o Rato d'Água. "Não sou um homem de família. Na verdade, nunca me casei e não pretendo me casar nunca. O amor é muito bom ao seu modo, mas a amizade está muito acima. De fato, não conheço nada no mundo que seja mais nobre ou mais raro que uma amizade dedicada".

"E quais, diga-me por favor, você imagina serem os deveres de um amigo dedicado", perguntou o Pintarroxo que ouvira a conversa, pousado num salgueiro próximo,

"Sim, é precisamente isso o que eu quero saber", disse a Pata; e nadou até o extremo do lago de cabeça erguida, a fim de dar a seus filhos um bom exemplo.

"Que pergunta estúpida!", exclamou o Rato d'Água. "Devo esperar que meu amigo dedicado seja dedicado a mim, naturalmente".

"E o que você daria em troca?", disse o passarinho, balançando-se sobre um ramo prateado, batendo as asinhas.

"Não compreendo", respondeu o Rato d'Água.

"Deixe-me contar uma história sobre esse assunto", disse o Pintarroxo.

"É uma história a meu respeito?", perguntou o Rato d'Água. "Se for, ouvirei, pois sou absolutamente apaixonado por histórias."

"É aplicável a você", respondeu o Pintarroxo. Então, desceu voando e acomodando-se sobre o banco, contou a história do Amigo Dedicado.

"Era uma vez", disse o Pintarroxo, "havia um amigo honesto chamado

Hans".

"Ele era muito distinto?", perguntou o Rato d'Água.

"Não", respondeu o Pintarroxo, "não creio que ele fosse nem um pouco distinto, exceto pela espécie de coração que possuía e por ser seu rosto redondo, engraçado e bem-humorado. Vivia sozinho numa pequena cabana e trabalhava todos os dias no jardim. Em toda aquela parte da cidade não havia nenhum jardim tão adorável como o dele. Lá cresciam cravinas, goivos, bolsas-de-pastor e botões-de-ouro. Havia rosas adamascadas e rosas amarelas, açafrão lilás e dourado, violetas brancas e púrpuras. Rosas silvestres e columbinas, agrião-do-prado, manjerona, manjericão selvagem, prímula silvestre, íris, narciso e cravo vermelho brotavam na hora certa, conforme os meses se passavam, uma flor ocupando o lugar da outra, de forma que sempre havia belas coisas a se ver e deliciosos aromas a se aspirar".

"O pequeno Hans tinha muitos grandes amigos, mas o amigo mais dedicado de todos era o corpulento Hugo, o Moleiro, dono do moinho. De fato, o rico Moleiro era tão dedicado ao pequeno Hans que nunca deixava o jardim sem antes se inclinar por sobre o muro e apanhar um grande ramalhete, ou um monte de ervas aromáticas, ou encher os bolsos de ameixas e cerejas, quando era a época".

"'Amigos de verdade devem ter tudo em comum'", o Moleiro costumava dizer, e o pequeno Hans concordava sorrindo, orgulhoso em ter um amigo com ideias tão nobres".

"É verdade que às vezes os vizinhos achavam estranho que o rico Moleiro nunca tivesse dado nada em troca ao pequeno Hans, apesar de possuir centenas de sacos de farinha estocados em seu moinho, seis vacas leiteiras e um grande rebanho de ovelhas cobertas de lã. Mas Hans nunca preocupou sua cabeça com essas coisas, e nada lhe dava prazer maior do que ouvir todas aquelas coisas maravilhosas que o Moleiro costumava dizer a respeito do altruísmo e da verdadeira amizade".

"Então o pequeno Hans cultivava o jardim. Durante a primavera, o verão e o outono ele foi muito feliz, mas quando chegou o inverno e não havia nenhuma fruta ou flor para levar ao mercado, sofreu um bom tanto com o frio e a fome, e com frequência tinha que dormir sem jantar, comendo apenas com algumas peras secas ou algumas nozes endurecidas. No inverno, também, ele ficou completamente solitário, pois o Moleiro nunca foi visitá-lo".

"'Não há nada de proveitoso em visitar o pequeno Hans enquanto durar a neve'", o Moleiro costumava dizer à esposa, 'porque quando as pessoas passam

por dificuldades elas devem ser deixadas em paz em vez de ser incomodadas por visitas. Ao menos é essa minha ideia sobre amizade, e eu tenho certeza de que estou certo. Por isso devo aguardar até que chegue a primavera, e então farei uma visita, e ele poderá me oferecer uma grande cesta com prímulas, o que o deixará muito feliz'".

"'Você certamente é muito atencioso com os outros', respondeu a esposa, sentada na confortável poltrona em frente à lareira, 'deveras atencioso. É muito prazeroso ouvi-lo falar sobre a amizade. Tenho certeza de que o próprio clérigo não é capaz de dizer coisas tão belas quanto você, apesar dele viver numa casa enorme e de usar um anel de ouro no dedinho'".

"'Mas nós não podemos chamar o pequeno Hans para vir aqui?' disse o filho mais jovem. 'Se o pobre Hans passa por dificuldades eu poderei dar-lhe metade do meu mingau, e mostrar-lhes meus coelhos brancos'".

"'Que garoto estúpido você é!' exclamou o Moleiro. 'Eu não sei mesmo qual a utilidade de mandá-lo à escola. Você parece não aprender nada. Pois, se o pequeno Hans vier até aqui e vir nossa lareira aquecida, nossa ceia, nosso imenso barril de vinho tinto, pode ser que ele fique com inveja, e inveja é a coisa mais terrível que há, e pode arruinar o caráter de qualquer um. Eu certamente não permitirei que a natureza de Hans seja arruinada. Sou seu melhor amigo e sempre o vigiarei, e cuidarei para que nunca seja levado em tentação. Além do mais, se Hans vier aqui, pode ser que ele me peça um pouco de farinha a crédito, e isso eu não posso fazer. Farinha é uma coisa e amizade é outra, elas não devem ser confundidas porque não são o mesmo e significam coisas completamente distintas. Todo mundo pode ver isso'".

"'Como você fala bem!' disse a esposa, servindo-se de um grande copo de cerveja morna. 'Na verdade, estou até me sentindo sonolenta. É como estar na igreja'".

"'Um monte de gente age bem', respondeu o Moleiro, 'mas pouquíssimas pessoas sabem falar bem, o que demonstra que falar é muito mais difícil do que agir e muito mais refinado também'; e dirigiu um olhar severo ao seu filhinho, do outro lado da mesa, que se sentiu tão envergonhado de si mesmo que abaixou a cabeça, todo vermelho, e começou a chorar, derramando lágrimas em seu chá. Apesar disso, ele era tão jovem que não se pode deixar de desculpá-lo".

"Esse é o fim da história?", perguntou o Rato d'Água.

"Certamente que não", respondeu o Pintarroxo, "esse é apenas o começo".

"Então você está completamente atrasado no tempo", disse o Rato

d'Água. "Todo bom contador de histórias hoje em dia começa pelo fim e então vai para o começo e conclui com o meio. Esse é o novo método. Eu ouvi tudo a respeito disso outro dia, de um crítico que caminhava perto do lago com um jovem. Ele falou longamente sobre o assunto, e tenho certeza de que estava certo, pois ele era careca e tinha óculos azuis, e quando o jovem fazia alguma observação, ele respondia: 'Bobagem!' Mas por favor continue com sua história. Estou gostando imensamente do Moleiro. Também tenho todo tipo de sentimentos belos, por isso há grande empatia entre nós".

"Bem", disse o Pintarroxo, pulando de uma perna a outra, "tão logo o inverno acabou, e as prímulas começaram a abrir suas pálidas estrelas amarelas, o Moleiro disse à esposa que poderia descer e fazer uma visita a Hans".

"'Nossa, como você tem bom coração!' exclamou a esposa, 'você está sempre pensando nos outros. E lembre-se de levar uma cesta grande para as flores'".

"Então o Moleiro atou a velas do moinho com uma corrente forte de ferro e desceu a colina com a cesta em seu braço".

"'Bom dia pequeno Hans', disse o Moleiro".

"'Bom dia', disse Hans, inclinando-se sobre a pá, com um sorriso largo".

"'E como você passou o inverno?', disse o Moleiro".

"'Bem, na verdade', lamentou-se Hans, 'é muito bom você ter perguntado, muito bom mesmo. Eu passei por maus momentos, mas agora chegou a primavera e estou plenamente feliz, pois todas as minhas flores vão bem'".

"'Nós falamos de você com frequência durante o inverno, Hans', disse o Moleiro 'imaginando como você estaria se saindo'".

"Isso foi gentil de sua parte', disse Hans. 'Tive um pouco de medo de que você tivesse me esquecido'".

"'Hans, estou surpreso com você', disse o Moleiro, 'amizade nunca se esquece. Isso é o que há de maravilhoso nela, mas temo que você não entenda a poesia da vida. A propósito, como estão adoráveis sua prímulas!'".

"'Com certeza estão mesmo admiráveis', disse Hans 'e é uma grande sorte para mim tê-las em tão grande quantidade. Vou levá-las ao mercado, vendê-las à filha do prefeito e com o dinheiro, comprar de volta o meu carrinho de mão'".

"'Comprar de volta seu carrinho de mão? Você quer dizer que o vendeu? Que coisa mais idiota de se fazer!'".

"'Bem, na verdade', disse Hans, 'eu fui obrigado a fazê-lo. Você sabe que

o inverno foi muito duro para mim e eu realmente não tinha nenhum dinheiro para comprar pão. Assim, primeiro eu vendi os botões de prata de meu casaco de domingo, depois vendi minha corrente de prata, então vendi meu grande cachimbo, e por último vendi o carrinho de mão. Mas agora estou indo comprar tudo isso de volta".

"Hans", disse Miller, "eu te darei meu carrinho de mão. Não está em muito bom estado; na verdade, está faltando um lado, e há alguma coisa errada com o aro da roda, mas apesar disso, vou dá-lo a você. Sei que isso é muita generosidade de minha parte, e um grande número de pessoas me achariam muito tolo por partilhá-lo assim, mas eu não sou como o resto do mundo. Penso que generosidade é a essência da amizade, e, além do mais, tenho um carrinho de mão novinho para mim mesmo. Sim, você pode ficar tranquilo, eu te darei meu carrinho de mão'".

"'Bem, isso é muito generoso de sua parte', disse o pequeno Hans, com sua face redonda e engraçada, repleta de satisfação. 'Posso consertá-lo facilmente, pois tenho em casa uma prancha de madeira'".

"'Uma prancha de madeira!' disse o Moleiro, 'ora, mas é justamente disso que eu preciso para consertar o telhado do meu celeiro. Há um buraco enorme nele e o milho ficará completamente úmido se eu não der um jeito naquilo. Que grande sorte você ter mencionado isso! É verdadeiramente digno de nota como uma boa ação sempre produz outra. Eu lhe dei meu carrinho de mão e agora você vai me dar a prancha. Naturalmente, o carrinho de mão é muito mais valioso que a prancha, mas, sinceramente, a amizade nunca menciona essas coisas. Por gentileza, pegue primeiro a prancha e eu consertarei meu telhado ainda hoje'".

"'Certamente', exclamou o pequeno Hans, correndo para dentro de sua choupana e arrastando a prancha para fora".

"'Não é uma prancha muito grande', disse o Moleiro, 'olhando para ela, temo que depois de ter consertado o telhado do celeiro não sobrará nada para você usar no carrinho de mão. Mas, naturalmente, isso não é minha culpa. E agora que eu lhe dei meu carrinho de mão, tenho certeza de que você gostaria de me dar algumas flores em retribuição. Aqui está a cesta, e você não se importará de enchê-la completamente'".

"'Completamente?' disse o pequeno Hans cheio de pesar, porque a cesta era de fato muito grande; ele sabia que se a enchesse não sobrariam flores para levar ao mercado e ele estava bastante ansioso para ter de volta seus botões de prata".

"'Bem', respondeu o Moleiro, 'eu realmente lhe dei meu carrinho de mão, e não acho que seja muito pedir algumas flores. Posso estar errado, mas pensava que amizade, amizade verdadeira, estivesse completamente livre de toda espécie de egoísmo'".

"'Meu querido amigo, meu melhor amigo', exclamou o pequeno Hans, 'pode ficar com todas as flores do meu jardim. Prefiro sua opinião a meus botões de prata, a qualquer tempo', e correu colher todas as suas adoráveis prímulas e com elas encher o cesto do Moleiro".

"'Adeus, pequeno Hans', disse o Moleiro, enquanto descia a colina com a prancha em seus ombros e a cesta no braço".

"'Adeus', disse o pequeno Hans, e começou a cavar alegremente, pois estava muito satisfeito por ter ganho o carrinho de mão".

"No outro dia ele estava fixando algumas madressilvas no pórtico quando ouviu a voz do Moleiro chamando por ele da rua. Então, pulou da escada, correu pelo jardim, e olhou por sobre o muro".

"Lá estava o Moleiro com um grande saco de farinha nas costas".

"'Querido pequeno Hans', disse o Moleiro, 'você se importaria em carregar este saco de farinha até o mercado para mim?'".

"'Oh, eu sinto muito', disse Hans, 'mas estou mesmo muito ocupado hoje. Tenho todas essas trepadeiras para fixar, todas essas flores para regar e todas essa grama para cortar'".

"'Bem', disse o Moleiro, 'na verdade pensei que, considerando que vou lhe dar o meu carrinho de mão, seria perfeitamente descortês de sua parte recusar'".

"'Oh, não diga isso', exclamou o pequeno Hans, 'eu não seria descortês por nada no mundo'. Correu buscar seu chapéu e, com dificuldade, carregou o grande saco nos ombros".

"Fazia um dia muito quente, a estrada estava terrivelmente empoeirada e antes que Hans tivesse chegado ao marco que indicava a sexta milha, teve que sentar para descansar. Mesmo assim prosseguiu bravamente e afinal alcançou o mercado. Depois de ter esperado por lá algum tempo, vendeu o saco de farinha por um preço muito bom e então voltou direto para casa, pois estava com medo que se demorasse pudesse encontrar alguns ladrões pelo caminho".

"'Este foi mesmo um dia duro', disse o pequeno Hans a si mesmo enquanto ia para a cama, 'mas estou feliz por não ter recusado o pedido do Moleiro, pois ele é meu melhor amigo, e, além do mais, ele me dará um carrinho de mão'".

"Cedo na manhã seguinte, o Moleiro desceu para buscar o dinheiro do saco de farinha, mas o pequeno Hans estava tão cansado que permanecia na cama".

"'No meu entender' disse o Moleiro, 'você é muito preguiçoso. Realmente, considerando que eu vou lhe dar meu carrinho de mão, penso que você deveria trabalhar mais. A preguiça é um grande pecado e eu certamente não gostaria que nenhum de meus amigos fosse preguiçoso ou indolente. Você não deve se aborrecer por eu falar francamente. É claro que eu nem sonharia em dizer isso se não fosse seu amigo. Mas qual a vantagem da amizade se alguém não pode dizer exatamente o que pensa? Todo mundo pode dizer coisas encantadoras e tentar agradar e lisonjear, mas um amigo sincero sempre diz coisas desagradáveis e não se importa em causar sofrimento. Na verdade, se ele for mesmo um amigo sincero, prefere agir dessa forma, pois sabe que assim faz o que é certo'".

"'Sinto muito', disse o pequeno Hans, esfregando os olhos e despindo o pijama, 'mas estava tão cansado que pensei que pudesse ficar na cama um pouco mais, ouvindo os pássaros cantar. Sabia que eu sempre trabalho melhor depois de ouvir o canto dos pássaros?'".

"'Bem, fico feliz com isso', disse o Moleiro, dando tapinhas nas costas de Hans, 'porque eu quero que você vá ao moinho assim que estiver vestido e conserte e telhado do celeiro para mim'".

"O pobre pequeno Hans estava ansioso para trabalhar em seu jardim, pois suas flores não eram regadas há dois dias, mas não queria recusar o pedido do Moleiro, pois este era um grande amigo".

"'Acharia descortês de minha parte se eu lhe dissesse que estou muito ocupado?', perguntou numa voz tímida e modesta".

"'Bem', disse o Moleiro, 'na verdade eu não acredito que seja pedir muito, considerando que eu lhe darei meu carrinho de mão, mas, naturalmente, se você recusar farei eu mesmo'".

"'Oh, não seja por disso', exclamou o pequeno Hans, e, pulando da cama, vestiu-se e foi ao celeiro".

"Ele trabalhou lá durante todo o dia, até o entardecer, e ao pôr do sol o Moleiro veio ver como estava indo".

"'Já consertou o buraco no telhado, pequeno Hans' gritou o Moleiro numa voz animada".

"'Está totalmente consertado', disse o pequeno Hans, descendo as escada".

"'Ah', disse o Moleiro, 'não há trabalho tão prazeroso quanto aquele que se faz para os outros'".

"'É certamente um grande privilégio ouvi-lo falar', respondeu o pequeno Hans, sentando-se e limpando a testa, 'um privilégio muito grande. Mas temo nunca ter tido ideias tão belas quanto as suas'".

"Ah, você as terá', disse o Moleiro, 'mas precisa esforçar-se mais. Até o presente você só conheceu a amizade na prática, algum dia também irá conhecê-la na teoria'".

"'Acredita realmente que eu poderia?', perguntou o pequeno Hans".

"'Não tenho dúvida disso', respondeu o Moleiro, 'mas agora que você consertou o telhado é melhor ir para casa descansar, pois quero que leve minhas ovelhas à montanha amanhã'".

"O pequeno Hans estava com receio de dizer qualquer coisa a esse respeito, e cedo na manhã seguinte o Moleiro trouxe as ovelhas próximo à cabana e Hans levou-as até a montanha. Ele precisou do dia todo para levá-las até lá e trazê-las de volta, e ao retornar estava tão cansado que dormiu na cadeira, só acordando quando o sol já estava alto".

"'Que horas deliciosas passarei em meu jardim', disse ele, e antes de qualquer coisa, começou a trabalhar".

"Mas, de um jeito ou de outro, nunca tinha tempo de cuidar das flores, pois o amigo Moleiro sempre aparecia e o mandava fazer serviços trabalhosos e demorados, ou levava-o para trabalhar no moinho. O pequeno Hans ficava muito aflito às vezes, com medo de que suas flores pensassem que ele as havia esquecido, mas se consolava com a ideia de que o Moleiro era seu melhor amigo. 'Além do mais', costumava dizer, 'ele vai me dar o carrinho de mão, e esse é um ato de pura generosidade'".

"Então o pequeno Hans continuou a trabalhar para o Moleiro, e o Moleiro dizia todo tipo de coisas belas a respeito da amizade, que Hans anotava num caderninho e costumava ler à noite, pois era um estudante muito aplicado".

"Aconteceu que uma noite o pequeno Hans estava sentado perto da lareira quando ouviu baterem forte na porta. Era uma noite tempestuosa e o vento soprava e rugia ao redor da casa tão terrivelmente que a princípio ele pensou que fosse apenas a tempestade. Mas ouviu a segunda batida e então a terceira, mais alta que as anteriores".

"'Deve ser algum pobre viajante', disse o pequeno Hans a si mesmo, e correu para a porta".

"Lá estava o Moleiro com uma lanterna numa mão e um longo bastão na

outra".

"'Querido pequeno Hans', exclamou o Moleiro, 'estou com um grande problema. Meu filhinho caiu da escada e machucou-se e estou indo ao Médico. Mas ele mora muito longe, e está uma noite terrível, então me ocorreu que seria muito melhor se você fosse em meu lugar. Sabe que lhe darei meu carrinho de mão e assim seria muito amável se você pudesse me fazer algo em troca'".

"'Certamente', exclamou, o pequeno Hans, 'considero uma grande gentileza sua vir chamar-me e irei agora mesmo. Mas você precisa me emprestar a lanterna, pois a noite está muito escura e eu tenho medo de cair em algum buraco'".

"'Sinto muito', respondeu o Moleiro, 'mas essa é minha lanterna nova e para mim seria uma grande perda se alguma coisa acontecesse a ela'".

"'Bom, não faz mal, irei sem ela', declarou o pequeno Hans e pegou o grande casaco de pele, o grosso barrete escarlate, amarrou o cachecol em volta do pescoço e partiu".

"Que terrível tempestade era aquela! A noite estava tão escura que o pequeno Hans mal podia enxergar, e o vento estava tão forte que ele mal conseguia se manter em pé. Contudo, era muito corajoso, e depois de ter andado por três horas, chegou à casa do Médico e bateu na porta".

"'Quem está aí?' exclamou o Médico, pondo a cabeça para fora do quarto".

"'O pequeno Hans, doutor'".

"'O que você quer, pequeno Hans?'"

"'O filho do Moleiro caiu da escada e se machucou, e ele quer que o senhor vá até lá'".

"'Certo', disse o Médico; arrumou o cavalo, as grandes botas, a lanterna, desceu as escadas e cavalgou na direção da casa do Moleiro; o pequeno Hans caminhava atrás dele".

"Mas a tempestade foi piorando mais e mais, a chuva caía torrencialmente e o pequeno Hans não conseguia ver para onde estava indo, nem seguir o cavalo. Por fim ele perdeu o caminho, e perambulou pelo pântano, que era um lugar muito perigoso, pois estava repleto de buracos fundos, e, ao cair em um deles, o pobre pequeno Hans afogou-se. O corpo foi encontrado no dia seguinte por alguns pastores, boiando numa pequena lagoa, e eles o levaram até a cabana".

"Todos foram ao funeral do pequeno Hans, pois ele era muito querido, e o Moleiro liderou o acompanhamento do enterro".

"'Como eu era seu melhor amigo', disse, 'é muito justo que ocupe o

melhor lugar', e assim caminhou até início da procissão, vestindo um manto longo e negro; de vez em quando enxugava os olhos com um grande lenço".

"'O pequeno Hans é certamente uma grande perda para todos nós', disse o Ferreiro quando o funeral já tinha acabado e todos estavam sentados confortavelmente na taverna, bebendo vinho com especiarias e comendo bolos gostosos".

"'Uma grande perda para mim acima de tudo', respondeu o Moleiro. 'Ora, tinha praticamente dado a ele meu carrinho de mão e agora realmente não sei o que fazer com aquilo. Está atrapalhando muito em casa e encontra-se em tão mau estado que não conseguirei nada por ele se o vender. Certamente terei mais cuidado em não oferecer mais nada novamente. A pessoa sempre sofre por ser generosa'".

"E então?", disse o Rato d'Água após uma longa pausa.

"E então esse é o fim", disse o Pintarroxo.

"Mas o que aconteceu com o Moleiro?" perguntou o Rato d'Água.

"Ah! Eu realmente não sei", replicou o Pintarroxo, "e tenho certeza de que não me importo".

"É perfeitamente claro que você não dispõe de nenhuma solidariedade em seu caráter".

"Temo que você não tenha entendido nada da moral da história", observou o Pintarroxo.

"Sobre o quê?", berrou o Rato d'Água.

"A moral".

"Você está tentando dizer que essa história tem uma moral?".

"Com certeza", disse o Pintarroxo.

"Ora, é mesmo?" disse o Rato d'Água, de forma bastante ameaçadora. "Acho que você deveria ter dito isso antes de começar a contar. Se você o tivesse feito, eu com certeza não teria dado ouvido, na verdade, eu deveria ter dito: 'Bobagem!', como o crítico. De qualquer forma, posso dizer isso agora".

E então gritou: "Bobagem!" o mais alto que pôde, abanou a cauda rispidamente e entrou na toca.

"E o que você acha do Rato d'Água?", perguntou a Pata, que chegou nadando poucos minutos mais tarde."Ele tem muitos argumentos bons, mas, do meu lado, tenho sentimentos maternos e não consigo olhar para um solteiro inveterado sem que me venham lágrimas aos olhos".

"Receio tê-lo aborrecido", respondeu o Pintarroxo. "A verdade é que eu contei a ele uma história que tem uma moral".

"Ah! Isso é sempre uma coisa perigosa de se fazer", disse a Pata.
E eu concordo completamente com ela.

FIM

O FOGUETE NOTÁVEL

O filho do Rei estava prestes a se casar e por isso havia alegria geral. Ele tinha esperado um ano todo por sua noiva e finalmente ela havia chegado. Era uma princesa russa, que conduzira por toda a viagem, desde a Finlândia, um trenó puxado por renas. O trenó tinha a forma de um grande cisne dourado e entre as asas do cisne repousava a pequena Princesa. O longo manto de arminho se estendia até os pés; na cabeça, trazia um delicado gorro de tecido de prata e sua pele era tão clara quanto o Palácio de Neve em que sempre havia morado. Era tão clara que quando desfilou pelas ruas todas as pessoas ficaram admiradas.

"Ela é como uma rosa branca", exclamavam, e atiravam-lhe flores das sacadas.

No portão do Castelo o Príncipe esperava para recebê-la. Tinha olhos sonhadores cor de violeta e os cabelos pareciam puro ouro. Quando a viu, dobrou o joelho e beijou-lhe a mão.

"Seu retrato era belo", murmurou ele, "mas você é mais bela que o retrato", e a pequena princesa corou.

"Antes ela se parecia com uma rosa branca", disse um jovem pajem ao companheiro, "mas agora se parece mais com uma rosa vermelha", e toda a Corte estava maravilhada.

Pelos três dias seguintes as pessoas comentaram, por toda parte: "rosa branca, rosa vermelha, rosa vermelha, rosa branca", e o Rei ordenou que dobrassem o salário do pajem. Como ele não recebia mesmo nenhum salário, isso não lhe valeu muito, mas foi considerada uma grande honra, e teve grande destaque na *Gazeta da Corte*.

Ao final dos três dias o casamento foi celebrado. Foi uma cerimônia magnífica e os noivos caminharam de mãos dadas sob um dossel de veludo púrpura bordado com pérolas. Então foi oferecido um banquete oficial, que durou cinco horas. O Príncipe e a Princesa sentaram-se na parte superior do grande salão e beberam em taças de cristal límpido. Apenas amantes verdadeiros podem beber nessas taças, pois se lábios com falsidade tocarem-nas, as taças se tornarão cinza, escuras e embotadas.

"É perfeitamente claro que eles se amam", disse o pequeno pajem, "tão claro como cristal!", e o rei dobrou-lhe o salário mais uma vez. "Que grande honra!", exclamaram os cortesãos.

Após o banquete haveria um baile. Os noivos dançaram juntos a Dança da Rosa, e o Rei prometeu tocar flauta. Ele tocava muito mal, mas ninguém nunca

ousara dizer-lhe, pois ele era o Rei. De fato, ele sabia tocar apenas duas canções e nunca estava completamente certo de qual estava executando, mas não tinha importância, pois, seja lá o que fizesse, todos exclamavam "Encantador, encantador".

O último item da programação era uma grande demonstração de fogos de artifício, a ser feita exatamente à meia-noite. A pequena Princesa nunca havia visto fogos de artifício em toda a sua vida, por isso o Rei deu ordem aos Pirotécnicos reais para que dessem especial atenção ao dia do casamento.

"Com o que fogos de artifício se parecem?", ela havia perguntado ao Príncipe, certa manhã, enquanto caminhavam pelo terraço.

"Eles se parecem com a Aurora Boreal", disse o Rei, que sempre respondia às perguntas endereçadas a outras pessoas, "só que muito mais naturais. Eu mesmo os prefiro em lugar das estrelas, pois você sempre sabe quando eles surgirão, e são encantadores como a minha flauta. Você não pode deixar de assisti-los".

Assim, na parte extrema do jardim do Rei, uma grande plataforma foi erguida, e tão logo os Pirotécnicos Reais haviam posto tudo em seus lugares apropriados, os fogos de artifício começaram a falar entre si.

"O mundo é mesmo muito belo", exclamou um pequeno Buscapé. "Basta olhar para essas tulipas amarelas. Ora! Ainda que fossem bombinhas de verdade, não poderiam ser mais adoráveis. Estou muito satisfeito de ter viajado. Viagens aperfeiçoam o intelecto maravilhosamente e suprimem todos os preconceitos de uma pessoa".

"O jardim do Rei não é o mundo, seu Buscapé tolo"; disse uma grande Vela Romana, "o mundo é um lugar imenso, e você levará três dias para vê-lo por inteiro".

"Qualquer lugar que você ame será o mundo para você", exclamou a pensativa Roda de Santa Catarina, que se sentiu atraída por uma velha caixa de pinho na juventude e vangloriava-se de ter o coração partido, "mas o amor não está mais na moda, os poetas o mataram. Eles escreveram tanto a esse respeito que ninguém mais acredita nele, e isso não me surpreende. Verdadeiros amantes sofrem, e em silêncio. Lembro-me de mim mesma no início, mas isso não importa agora. Romantismo é coisa do passado".

"Bobagem!", disse a Vela Romana, "Romantismo nunca morre: é como a lua, e vive eternamente. Os noivos, por exemplo, amam muito carinhosamente um ao outro. Eu ouvi tudo a respeito deles esta manhã de um cartucho de papel marrom, que calhou de estar na mesma gaveta que eu, e sabia das últimas

notícias da Corte".

Mas a Roda de Santa Catarina meneou a cabeça: "o Romantismo está morto, morto, morto", murmurou ela. Era uma daquelas pessoas que pensavam que, se você disser a mesma coisa de novo e de novo um grande número de vezes, aquilo acabará se tornando realidade.

De repente ouviram uma tosse aguda e seca, e então todos olharam ao redor.

Veio de um Foguete altivo, aparentemente arrogante, que estava preso na ponta de uma estaca comprida. Ele sempre tossia antes de fazer qualquer observação, fazia isso para chamar atenção.

"Aham, Aham", disse ele, e todos ouviram, menos a pobre Roda de Santa Catarina, que ainda meneava a cabeça murmurando: "o Romantismo está morto".

"Ordem, ordem!", gritou um Petardo. Ele era um político, até certo ponto, e sempre tivera parte significativa nas eleições locais, por isso sabia as expressões parlamentares próprias para a ocasião.

"Completamente morto", sussurrou a Roda de Santa Catarina , e voltou a dormir.

Tão logo se obteve completo silêncio, o Foguete tossiu três vezes e começou a falar.

Falava com voz muito lenta e distinta, como se estivesse ditando um livro de memórias, e sempre olhava por cima dos ombros para as pessoas a quem se dirigia. De fato, ele tinha modos muito polidos.

"Quão afortunado é isto para o filho do Rei", observou, "que tenha se casado no mesmo dia em que serei lançado. Verdade, se isso tivesse sido previamente combinado, não poderia ter sido melhor para ele, mas um Príncipe tem sorte".

"Meu Deus!", disse o pequeno Buscapé, "pensei que fosse justamente o contrário e que nós seríamos lançados em homenagem ao Príncipe".

"Pode ser, no seu caso", respondeu ele, "na verdade, não tenho dúvida de que seja assim, mas comigo é diferente. Sou um Foguete Notável, filho de pais notáveis. Minha mãe foi a mais ilustre Roda de Santa Catarina de seu tempo, famosa pela dança graciosa. Quando fez sua grande apresentação pública, girou dezenove vezes antes de se apagar, e a cada volta, lançou pelos ares sete estrelas rosadas. Media três pés e meio de diâmetro e era feita com pólvora da melhor qualidade. Meu pai era um Foguete, como eu, de procedência francesa. Voou tão alto que as pessoas temeram que não descesse nunca mais. Entretanto, por estar

bem disposto, ele desceu, e fez a descida mais brilhante de todas, numa abundante chuva dourada. Os jornais escreveram sobre o desempenho usando termos bastante lisonjeiros. Em verdade, a *Gazeta da Corte* chamou-o de 'triunfo da arte *pilotécnica*'".

"Pirotécnica, pirotécnica, é o que você quer dizer", exclamou o Fogo de Bengala. "Sei que é pirotécnica, pois vi isso escrito no meu próprio tubo".

"Bem, eu disse pirotécnica", respondeu o Foguete, num tom de voz severo, e o Fogo de Bengala sentiu-se tão diminuído que começou a ameaçar os pequenos busca-pés, com a intenção de mostrar que ele ainda era uma pessoa de alguma importância.

"Eu estava dizendo", continuou o Foguete, "eu estava dizendo... o que eu estava dizendo?".

"Você estava falando sobre si mesmo", replicou a Vela Romana.

"Naturalmente, eu sabia que estava discorrendo sobre um assunto interessante quando fui tão rudemente interrompido. Detesto rudeza e maus modos de toda a espécie, porque sou extremamente sensível. Ninguém em todo o mundo é tão sensível quanto eu, tenho plena certeza disso".

"O que é uma pessoa sensível?" perguntou o Petardo para a Vela Romana.

"É uma pessoa que, por ter calos, vive pisando nos dedos dos outros", respondeu a Vela Romana, sussurrando baixinho, e o Petardo por pouco não explodiu de tanto rir.

"Com licença, do que você está rindo?", inquietou-se o Foguete. "Eu não estou rindo".

"Estou rindo porque sou feliz", replicou o Petardo.

"É uma razão bastante egoísta", disse o Foguete, com raiva. "Que direito tem você de ser feliz? Você deveria pensar nos outros. Na verdade, você deveria pensar em mim, e espero que todos os demais façam o mesmo. Isso é o que se chama de solidariedade. É uma bela virtude, e eu a possuo em alto grau. Suponha, por exemplo, que alguma coisa me aconteça esta noite, que desgraça não seria para todos! O Príncipe e a Princesa nunca mais seriam felizes, toda a vida de casados estaria arruinada. E quanto ao Rei, sei que ele não conseguiria superar isso. Realmente, quando começo a refletir sobre a importância de minha posição, quase vou às lágrimas".

"Se você pretende oferecer divertimento aos outros", disse a Vela Romana, "é melhor que se mantenha enxuto".

"Certamente", exclamou o Fogo de Bengala, que já estava com melhor disposição, "é apenas uma questão de bom senso".

"Bom senso, de fato", disse o Foguete, indignado, "você se esquece de que eu sou bastante raro e muito notável. Ora, qualquer um pode ter bom senso, desde que não tenha muita imaginação. Mas eu tenho imaginação, por isso nunca penso nas coisas como elas realmente são; sempre penso nelas como sendo completamente diferentes. Quanto a me manter enxuto, é evidente que não há ninguém aqui capaz de apreciar um temperamento emotivo. Felizmente, para mim, não me importo. A única coisa que sustenta uma pessoa ao longo da vida é a consciência da imensa inferioridade de todos os demais, e esse é um sentimento que eu sempre cultivei. Mas nenhum de vocês tem coração. Aqui estão vocês, rindo e se divertindo como se o Príncipe e a Princesa não tivessem acabado de se casar".

"Bem, na verdade", exclamou o Balãozinho, "por que não? Esta é a mais feliz das ocasiões, e quando eu me lançar no ar, pretendo contar às estrelas sobre isso. Você as verá cintilarem quando eu falar a elas sobre este lindo casamento".

"Ah! Que visão trivial da vida!", disse o Foguete, "mas é apenas o que eu esperava. Não há nada em você, você é oco, vazio. Ora, talvez o Príncipe e a Princesa vão morar em um país em que exista um rio profundo, e talvez eles tenham apenas um único filho, um lindo menino louro de olhos violeta como o próprio Príncipe; talvez, certo dia, ele vá passear com a babá, e talvez a babá adormeça sob um grande sabugueiro, e pode ser que o garotinho caia no rio profundo e morra afogado. Que terrível desgraça! Pobre gente, perder seu único filho! É realmente muito terrível! Eu nunca me recuperaria disso!".

"Mas eles não perderam o único filho", disse a Vela Romana, "nenhuma desgraça ocorreu a eles, de nenhum tipo".

"Eu nunca disse que havia ocorrido", replicou o Foguete, "eu disse que poderia ocorrer. Se eles tivessem perdido o único filho, nada mais deveria ser dito sobre o assunto. Odeio pessoas que choram sobre o leite derramado. Mas quando penso que eles poderiam perder o único filho, certamente fico muito afetado".

"Você certamente fica", exclamou o Fogo de Bengala, "de fato, você é a pessoa mais afetada que eu já conheci".

"E você é a pessoa mais rude que eu já conheci", disse o Foguete, "e não pode compreender a amizade que tenho com o Príncipe".

"Ora, você nem o conhece", resmungou a Vela Romana.

"Nunca disse que o conhecia", respondeu o Foguete. "Ouso dizer que se o conhecesse, não seria seu amigo de forma alguma. É muito perigoso conhecer os

amigos".

"Seria mesmo muito melhor se você se mantivesse enxuto", disse o Balãozinho, "isso é uma coisa importante".

"Muito importante para você, sem dúvida", respondeu o Foguete, "mas eu vou chorar se preferir assim", e ele realmente explodiu em lágrimas que escorreram estaca abaixo como gotas de chuva e quase afogaram dois pequenos besouros que tinham acabado de decidir morar juntos, e estavam procurando por um lugar seco e agradável para viver.

"Ele deve ter um temperamento verdadeiramente romântico", disse a Roda de Santa Catarina, "pois chora mesmo quando não há absolutamente nada pelo que chorar", e deu um suspiro profundo, pensando na caixa de pinho.

Mas a Vela Romana e o Fogo de Bengala estavam completamente indignados, e continuaram dizendo: "Impostor! Impostor!" o mais alto que podiam. Eles eram extremamente práticos e sempre que objetavam contra alguma coisa, gritavam: "Impostor!".

E então a lua surgiu como um esplendoroso escudo de prata, as estrelas puseram-se a brilhar e um som de música veio do castelo.

O Príncipe e a Princesa estavam presidindo a dança. Dançavam tão lindamente que as brancas e altas flores-de-lis espiavam da janela para assisti-los, e as grandes papoulas vermelhas balançavam a cabeça no compasso da música. Então soaram dez badaladas, onze, e por fim deu meia-noite; então, todos saíram para o terraço e o Rei mandou chamar o Pirotécnico Real.

"Que comecem os fogos", disse o Rei; o Pirotécnico Real fez uma longa reverência e rumou para o extremo do jardim. Levava seis ajudantes consigo, cada um portando uma tocha na ponta de um longo mastro.

Com certeza foi uma magnífica exibição.

"Whizz! Whizz!", e lá se foi a Roda de Santa Catarina girando, dando voltas e mais voltas.

"Boom! Boom!", e partiu a Vela Romana.

Então os Busca-pés dançaram por todos os lados e o Fogo de Bengala fez com que tudo parecesse escarlate.

"Adeus!", gritou o Balãozinho enquanto era lançado no ar, derramando pequeninas faíscas azuis.

"Bang! Bang!", responderam os Petardos, que estavam se divertindo imensamente. Todos foram um grande sucesso, exceto o Foguete Notável. Ele estava tão encharcado pelas lágrimas que não pôde ser lançado de forma alguma. O que ele tinha de melhor era a pólvora e esta estava tão molhada pelas

lágrimas que não tinha mais nenhuma utilidade. Todos os seus parentes pobres, com quem ele nunca falava sem demonstrar desprezo, explodiram no céu como esplêndidas flores douradas com botões de fogo.

"Huzza! Huzza!", clamava a Corte, e a Princesa ria com prazer.

"Suponho que eles tenham me reservado para uma grande ocasião", disse o Foguete, "não tenho dúvida de que seja isso".

E olhava ao redor com mais soberba do que nunca.

No dia seguinte os empregados vieram para pôr tudo em ordem.

"Evidentemente trata-se de uma delegação", disse o Foguete, "eu a receberei com a devida dignidade", empinou o nariz e franziu bastante o cenho, como se estivesse pensando a respeito de um assunto muito importante. Mas não lhe deram a menor atenção até o momento de irem embora. Então um deles o viu.

"Olhem!", exclamou, "que foguete imprestável!", e atirou-o por cima do muro, para dentro do fosso.

"Foguete imprestável! Foguete imprestável!", disse enquanto rodopiava pelo ar, "Impossível! Foguete notável, foi o que o homem disse. Imprestável e notável soam muito parecido e, de fato, frequentemente são a mesma coisa".

E caiu no meio da lama.

"Aqui não é confortável", observou, "mas não há dúvida de que se trata de uma estação de águas da moda, e eles me enviaram para que eu restabelecesse minha saúde. Meu nervos estão verdadeiramente em pedaços e eu exijo descanso".

Então um pequeno sapo de olhos brilhantes como joias e pele verde malhada nadou até ele.

"Vejo que é um recém-chegado", disse o sapo. "Bem, afinal não há nada como a lama. Deem-me um tempo chuvoso e um fosso e eu serei plenamente feliz. Acha que choverá à tarde? Com certeza espero que sim, mas o céu está perfeitamente azul e sem nuvens. Que pena!"

"Aham! Aham!" disse o Foguete, e começou a tossir.

"Que voz maravilhosa você tem!", exclamou o sapo. "Sinceramente, parece um coaxar e esse é, naturalmente, o som mais musical do mundo. Você ouvirá nosso coral esta noite. Nós nos sentamos no tanque do velho Pato, perto da casa do fazendeiro, e tão logo aparece a lua, nós começamos. É tão encantador que todo mundo se mantém acordado para nos escutar. De fato, ainda ontem eu ouvi a esposa do fazendeiro dizer à mãe dela que não conseguia pregar os olhos a noite toda por nossa causa. É o que há de mais prazeroso: ser

uma pessoa assim, tão popular".

"Aham! Aham!", fez o Foguete, com raiva. Estava muito irritado por não conseguir entrar na conversa.

"Uma voz deliciosa, certamente!", continuou o Sapo. "Espero que você venha ao tanque dos Patos. Vou sair para procurar por minhas filhas. Tenho seis belas filhas e estou muito apreensivo de que o Lúcio possa encontrá-las. Ele é um perfeito monstro e não hesitaria em comê-las no café da manhã. Bem, adeus. Apreciei muito nosso diálogo, isso eu garanto a você".

"Nosso diálogo, deveras!", disse o Foguete. "Apenas você falou o tempo todo, e sobre si mesmo. Isso não é um diálogo".

"Alguém precisa escutar", respondeu o Sapo, "e eu gosto de falar o tempo todo sobre mim mesmo. Isso economiza tempo e previne debates".

"Mas eu gosto de debates", disse o Foguete.

"Não creio", respondeu o Sapo, com complacência. "Debates são extremamente grosseiros, pois todos os que pertencem à sociedade têm as mesmas opiniões. Adeus, mais uma vez. Estou vendo minhas filhas ali adiante", e nadou para longe.

"Você é uma pessoa muito irritante", disse o Foguete, "e muito mal educada. Odeio pessoas que falam sobre si mesmas, como você, quando outras querem falar sobre si mesmas, como eu. É a isso que chamo de egoísmo, e egoísmo é o que há de mais detestável, especialmente para alguém com o meu temperamento, pois sou conhecido por minha índole solidária. Na verdade, você deveria me tomar como exemplo, pois não poderia encontrar modelo melhor. Agora que tem a chance, deveria tirar o melhor proveito disso, pois estou prestes a volta à Corte. Sou o grande favorito na Corte, na verdade, o Príncipe e a Princesa casaram-se ontem em minha homenagem. Naturalmente você não conhece nada sobre esse assunto, pois é muito provinciano".

"Não há vantagem em repreendê-lo", disse a Libélula, que estava sentada no topo de um grande junco marrom, "nenhuma vantagem mesmo, pois ele já foi embora".

"Bem, o prejuízo é dele, não meu", respondeu o Foguete. "Eu não vou parar de falar com ele simplesmente porque ele não presta atenção. Gosto de me ouvir falando. Esse é um dos meus grandes prazeres. Costumo ter longas conversas comigo mesmo e sou tão esperto que às vezes não entendo o que estou dizendo".

"Então você certamente deveria dar aulas de Filosofia", disse a Libélula e, abrindo as adoráveis asas de gaze, elevou-se nos céus.

"Que estupidez da parte dele não estar aqui!", disse o Foguete. "Estou certo de que não é com frequência que tem a chance de aprimorar a mente. Não me importo nem um pouco. Gênios como eu com certeza serão apreciados um dia", e afundou um pouco mais na lama.

Depois de algum tempo uma grande Pata branca nadou até ele. Tinha patas amarelas, com membranas entre os dedos, e era considerada muito linda por causa de seu gingado.

"Quac" Quac! Quac!", disse ela. "Que forma curiosa tem você! Posso perguntar se nasceu assim ou se isso foi resultado de algum acidente?"

"É perfeitamente claro que você sempre viveu no campo", respondeu o Foguete, "de outra maneira saberia quem sou. De qualquer forma, desculpo sua ignorância. Seria injusto esperar que outras pessoas fossem tão notáveis quanto eu mesmo. Sem dúvida ficará surpresa ao ouvir que posso voar pelo céu e retornar como uma chuva dourada".

"Não acho isso grande coisa", disse a Pata, "pois não vejo qual a utilidade disso para alguém. Agora, se você puder arar os campos como o boi, ou puxar uma carroça, como o cavalo, ou vigiar as ovelhas, como o cão Collie, já seria alguma coisa".

"Minha boa criatura", exclamou o Foguete, num tom de voz bem arrogante, "vejo que você pertence às classes mais baixas. Uma pessoa na minha posição nunca é útil. Nós temos muitos talentos, e isso é mais que suficiente. Eu não nutro muita simpatia por nenhum tipo de trabalho, menos ainda por esses serviços que você vê como recomendáveis. Deveras, sempre fui da opinião de que trabalho duro é simplesmente o refúgio daquelas pessoas que não têm nada mais a fazer".

"Bem, bem", disse a Pata, que sempre mantinha um temperamento muito pacífico e nunca discutia com ninguém, "cada um tem seu gosto. De qualquer forma, espero que você esteja pensando em manter residência por aqui".

"Ah, de jeito nenhum!", exclamou o Foguete. "Sou meramente um visitante, um ilustre visitante. Acho este lugar bastante tedioso. Não existe aqui nenhum tipo de sociedade, nem de privacidade. Na verdade, este lugar é essencialmente suburbano. Eu provavelmente voltarei para a Corte, pois sei que meu destino é fazer muito sucesso no mundo".

"Eu também já pensei em entrar para a vida pública", observou a Pata. "Existem tantas coisas que precisam de reformas! Na verdade, presidi uma reunião há algum tempo atrás, e nós aprovamos medidas condenando tudo o que não nos agradava. De qualquer modo, isso não pareceu ter surtido muito

efeito. Agora entrei para a vida doméstica e tomo conta apenas de minha família".

"Fui feito para a vida pública", disse o Foguete, "bem como todos de minha família, mesmo os mais humildes. Onde quer que um de nós se apresente, chama grande atenção. Eu ainda não me apresentei realmente, mas quando o fizer, será um espetáculo magnífico. E quanto à vida doméstica, isso envelhece muito rápido uma pessoa e desvia a mente das coisas mais elevadas da vida".

"Ah, as coisas mais elevadas da vida, como são boas!", disse a Pata. "Isso me faz lembrar o quanto estou com fome", e nadou pelo ribeirão afora, dizendo: "Quac! Quac! Quac!".

"Volte! Volte!", gritou o Foguete, "tenho uma coisa muito importante para dizer a você", mas a Pata não lhe deu atenção.

"Estou feliz que ela tenha ido", disse a si mesmo, "ela decididamente tem uma mentalidade de classe média", e afundou um pouco mais na lama; começava a refletir a respeito da solidão dos gênios quando, de repente, dois garotinhos vestindo macacões brancos vieram correndo ladeira abaixo, com uma chaleira e alguns gravetos.

"Deve ser essa a delegação", disse o Foguete, e procurou parecer muito respeitável.

"Olhe!", gritou um dos garotos, "olhe para essa vareta estragada! Gostaria de saber como ela veio parar aqui", e puxou o Foguete de dentro do fosso.

"Vareta estragada?", disse o Foguete. "Impossível! Vareta dourada, foi isso que ele disse. Vareta dourada é muito lisonjeiro. Na verdade, ele me confundiu com um dos dignitários da Corte!".

"Vamos colocá-la no fogo", disse o outro menino, "vai ajudar a ferver a chaleira".

Então amontoaram os gravetos todos juntos, puseram o Foguete no topo e acederam a fogueira.

"Isso é magnífico!", exclamou o Foguete, "eles vão me lançar em plena luz do dia, assim todos poderão me ver".

"Vamos dormir agora", disseram, "e quando acordarmos a chaleira já terá fervido", e os meninos deitaram na grama, fechando os olhos.

O Foguete estava bastante úmido, por isso levou muito tempo para queimar. Entretanto, por fim, o fogo pegou.

"Agora serei lançado", exclamou, aprumando a postura bem ereta. "Tenho certeza de que irei muito além das estrelas, muito mais alto que a lua, mais alto ainda que o sol. Na verdade, irei tão alto que..."

"Fizz! Fizz! Fizz!", e ele foi direto para o céu.

"Delicioso!", gritou, "subirei assim para sempre. Que sucesso eu sou!"

Mas ninguém o viu.

Então, ele começou a sentir uma estranha sensação de formigamento por todo o corpo.

"Vou explodir agora", gritou, "e porei fogo no mundo todo, farei tanto barulho que ninguém falará de outra coisa durante o ano todo".

E ele explodiu, com certeza.

"Bang! Bang! Bang!", fez a pólvora. Disso não resta a menor dúvida.

Mas ninguém escutou, nem mesmo os menininhos, pois estavam num sono profundo.

Então, tudo o que sobrou dele foi a vareta, que caiu nas costas de um Ganso que estava dando um passeio ao lado do fosso.

"Deus do céu!", gritou o Ganso. "Está chovendo varetas!", e correu para a água.

"Eu sabia que causaria grande sensação", arquejou o Foguete, e expirou.

FIM

THE HAPPY PRINCE AND OTHER STORIES

THE HAPPY PRINCE

High above the city, on a tall column, stood the statue of the Happy Prince. He was gilded all over with thin leaves of fine gold, for eyes he had two bright sapphires, and a large red ruby glowed on his sword-hilt.

He was very much admired indeed. "He is as beautiful as a weathercock," remarked one of the Town Councillors who wished to gain a reputation for having artistic tastes; "only not quite so useful," he added, fearing lest people should think him unpractical, which he really was not.

"Why can't you be like the Happy Prince?" asked a sensible mother of her little boy who was crying for the moon. "The Happy Prince never dreams of crying for anything."

"I am glad there is some one in the world who is quite happy," muttered a disappointed man as he gazed at the wonderful statue.

"He looks just like an angel," said the Charity Children as they came out of the cathedral in their bright scarlet cloaks and their clean white pinafores.

"How do you know?" said the Mathematical Master, "you have never seen one."

"Ah! but we have, in our dreams," answered the children; and the Mathematical Master frowned and looked very severe, for he did not approve of children dreaming.

One night there flew over the city a little Swallow. His friends had gone away to Egypt six weeks before, but he had stayed behind, for he was in love with the most beautiful Reed. He had met her early in the spring as he was flying down the river after a big yellow moth, and had been so attracted by her slender waist that he had stopped to talk to her.

"Shall I love you?" said the Swallow, who liked to come to the point at once, and the Reed made him a low bow. So he flew round and round her, touching the water with his wings, and making silver ripples. This was his courtship, and it lasted all through the summer.

"It is a ridiculous attachment," twittered the other Swallows; "she has no money, and far too many relations"; and indeed the river was quite full of Reeds. Then, when the autumn came they all flew away.

After they had gone he felt lonely, and began to tire of his lady-love. "She has no conversation," he said, "and I am afraid that she is a coquette, for she is always flirting with the wind." And certainly, whenever the wind blew, the Reed made the most graceful curtseys. "I admit that she is domestic," he

continued, "but I love travelling, and my wife, consequently, should love travelling also."

"Will you come away with me?" he said finally to her; but the Reed shook her head, she was so attached to her home.

"You have been trifling with me," he cried. "I am off to the Pyramids. Good-bye!" and he flew away.

All day long he flew, and at night-time he arrived at the city. "Where shall I put up?" he said; "I hope the town has made preparations."

Then he saw the statue on the tall column.

"I will put up there," he cried; "it is a fine position, with plenty of fresh air." So he alighted just between the feet of the Happy Prince.

"I have a golden bedroom," he said softly to himself as he looked round, and he prepared to go to sleep; but just as he was putting his head under his wing a large drop of water fell on him. "What a curious thing!" he cried; "there is not a single cloud in the sky, the stars are quite clear and bright, and yet it is raining. The climate in the north of Europe is really dreadful. The Reed used to like the rain, but that was merely her selfishness."

Then another drop fell.

"What is the use of a statue if it cannot keep the rain off?" he said; "I must look for a good chimney-pot," and he determined to fly away.

But before he had opened his wings, a third drop fell, and he looked up, and saw—Ah! what did he see?

The eyes of the Happy Prince were filled with tears, and tears were running down his golden cheeks. His face was so beautiful in the moonlight that the little Swallow was filled with pity.

"Who are you?" he said.

"I am the Happy Prince."

"Why are you weeping then?" asked the Swallow; "you have quite drenched me."

"When I was alive and had a human heart," answered the statue, "I did not know what tears were, for I lived in the Palace of Sans-Souci, where sorrow is not allowed to enter. In the daytime I played with my companions in the garden, and in the evening I led the dance in the Great Hall. Round the garden ran a very lofty wall, but I never cared to ask what lay beyond it, everything about me was so beautiful. My courtiers called me the Happy Prince, and happy indeed I was, if pleasure be happiness. So I lived, and so I died. And now that I am dead they have set me up here so high that I can see all the ugliness and all

the misery of my city, and though my heart is made of lead yet I cannot chose but weep."

"What! is he not solid gold?" said the Swallow to himself. He was too polite to make any personal remarks out loud.

"Far away," continued the statue in a low musical voice, "far away in a little street there is a poor house. One of the windows is open, and through it I can see a woman seated at a table. Her face is thin and worn, and she has coarse, red hands, all pricked by the needle, for she is a seamstress. She is embroidering passion-flowers on a satin gown for the loveliest of the Queen's maids-of-honour to wear at the next Court-ball. In a bed in the corner of the room her little boy is lying ill. He has a fever, and is asking for oranges. His mother has nothing to give him but river water, so he is crying. Swallow, Swallow, little Swallow, will you not bring her the ruby out of my sword-hilt? My feet are fastened to this pedestal and I cannot move."

"I am waited for in Egypt," said the Swallow. "My friends are flying up and down the Nile, and talking to the large lotus-flowers. Soon they will go to sleep in the tomb of the great King. The King is there himself in his painted coffin. He is wrapped in yellow linen, and embalmed with spices. Round his neck is a chain of pale green jade, and his hands are like withered leaves."

"Swallow, Swallow, little Swallow," said the Prince, "will you not stay with me for one night, and be my messenger? The boy is so thirsty, and the mother so sad."

"I don't think I like boys," answered the Swallow. "Last summer, when I was staying on the river, there were two rude boys, the miller's sons, who were always throwing stones at me. They never hit me, of course; we swallows fly far too well for that, and besides, I come of a family famous for its agility; but still, it was a mark of disrespect."

But the Happy Prince looked so sad that the little Swallow was sorry. "It is very cold here," he said; "but I will stay with you for one night, and be your messenger."

"Thank you, little Swallow," said the Prince.

So the Swallow picked out the great ruby from the Prince's sword, and flew away with it in his beak over the roofs of the town.

He passed by the cathedral tower, where the white marble angels were sculptured. He passed by the palace and heard the sound of dancing. A beautiful girl came out on the balcony with her lover. "How wonderful the stars are," he said to her, "and how wonderful is the power of love!"

"I hope my dress will be ready in time for the State-ball," she answered; "I have ordered passion-flowers to be embroidered on it; but the seamstresses are so lazy."

He passed over the river, and saw the lanterns hanging to the masts of the ships. He passed over the Ghetto, and saw the old Jews bargaining with each other, and weighing out money in copper scales. At last he came to the poor house and looked in. The boy was tossing feverishly on his bed, and the mother had fallen asleep, she was so tired. In he hopped, and laid the great ruby on the table beside the woman's thimble. Then he flew gently round the bed, fanning the boy's forehead with his wings. "How cool I feel," said the boy, "I must be getting better"; and he sank into a delicious slumber.

Then the Swallow flew back to the Happy Prince, and told him what he had done. "It is curious," he remarked, "but I feel quite warm now, although it is so cold."

"That is because you have done a good action," said the Prince. And the little Swallow began to think, and then he fell asleep. Thinking always made him sleepy.

When day broke he flew down to the river and had a bath. "What a remarkable phenomenon," said the Professor of Ornithology as he was passing over the bridge. "A swallow in winter!" And he wrote a long letter about it to the local newspaper. Every one quoted it, it was full of so many words that they could not understand.

"To-night I go to Egypt," said the Swallow, and he was in high spirits at the prospect. He visited all the public monuments, and sat a long time on top of the church steeple. Wherever he went the Sparrows chirruped, and said to each other, "What a distinguished stranger!" so he enjoyed himself very much.

When the moon rose he flew back to the Happy Prince. "Have you any commissions for Egypt?" he cried; "I am just starting."

"Swallow, Swallow, little Swallow," said the Prince, "will you not stay with me one night longer?"

"I am waited for in Egypt," answered the Swallow. "To-morrow my friends will fly up to the Second Cataract. The river-horse couches there among the bulrushes, and on a great granite throne sits the God Memnon. All night long he watches the stars, and when the morning star shines he utters one cry of joy, and then he is silent. At noon the yellow lions come down to the water's edge to drink. They have eyes like green beryls, and their roar is louder than the roar of the cataract.

"Swallow, Swallow, little Swallow," said the Prince, "far away across the city I see a young man in a garret. He is leaning over a desk covered with papers, and in a tumbler by his side there is a bunch of withered violets. His hair is brown and crisp, and his lips are red as a pomegranate, and he has large and dreamy eyes. He is trying to finish a play for the Director of the Theatre, but he is too cold to write any more. There is no fire in the grate, and hunger has made him faint."

"I will wait with you one night longer," said the Swallow, who really had a good heart. "Shall I take him another ruby?"

"Alas! I have no ruby now," said the Prince; "my eyes are all that I have left. They are made of rare sapphires, which were brought out of India a thousand years ago. Pluck out one of them and take it to him. He will sell it to the jeweller, and buy food and firewood, and finish his play."

"Dear Prince," said the Swallow, "I cannot do that"; and he began to weep.

"Swallow, Swallow, little Swallow," said the Prince, "do as I command you."

So the Swallow plucked out the Prince's eye, and flew away to the student's garret. It was easy enough to get in, as there was a hole in the roof. Through this he darted, and came into the room. The young man had his head buried in his hands, so he did not hear the flutter of the bird's wings, and when he looked up he found the beautiful sapphire lying on the withered violets.

"I am beginning to be appreciated," he cried; "this is from some great admirer. Now I can finish my play," and he looked quite happy.

The next day the Swallow flew down to the harbour. He sat on the mast of a large vessel and watched the sailors hauling big chests out of the hold with ropes. "Heave a-hoy!" they shouted as each chest came up. "I am going to Egypt"! cried the Swallow, but nobody minded, and when the moon rose he flew back to the Happy Prince.

"I am come to bid you good-bye," he cried.

"Swallow, Swallow, little Swallow," said the Prince, "will you not stay with me one night longer?"

"It is winter," answered the Swallow, "and the chill snow will soon be here. In Egypt the sun is warm on the green palm-trees, and the crocodiles lie in the mud and look lazily about them. My companions are building a nest in the Temple of Baalbec, and the pink and white doves are watching them, and cooing to each other. Dear Prince, I must leave you, but I will never forget you, and next

spring I will bring you back two beautiful jewels in place of those you have given away. The ruby shall be redder than a red rose, and the sapphire shall be as blue as the great sea."

"In the square below," said the Happy Prince, "there stands a little match-girl. She has let her matches fall in the gutter, and they are all spoiled. Her father will beat her if she does not bring home some money, and she is crying. She has no shoes or stockings, and her little head is bare. Pluck out my other eye, and give it to her, and her father will not beat her."

"I will stay with you one night longer," said the Swallow, "but I cannot pluck out your eye. You would be quite blind then."

"Swallow, Swallow, little Swallow," said the Prince, "do as I command you."

So he plucked out the Prince's other eye, and darted down with it. He swooped past the match-girl, and slipped the jewel into the palm of her hand. "What a lovely bit of glass," cried the little girl; and she ran home, laughing.

Then the Swallow came back to the Prince. "You are blind now," he said, "so I will stay with you always."

"No, little Swallow," said the poor Prince, "you must go away to Egypt."

"I will stay with you always," said the Swallow, and he slept at the Prince's feet.

All the next day he sat on the Prince's shoulder, and told him stories of what he had seen in strange lands. He told him of the red ibises, who stand in long rows on the banks of the Nile, and catch gold-fish in their beaks; of the Sphinx, who is as old as the world itself, and lives in the desert, and knows everything; of the merchants, who walk slowly by the side of their camels, and carry amber beads in their hands; of the King of the Mountains of the Moon, who is as black as ebony, and worships a large crystal; of the great green snake that sleeps in a palm-tree, and has twenty priests to feed it with honey-cakes; and of the pygmies who sail over a big lake on large flat leaves, and are always at war with the butterflies.

"Dear little Swallow," said the Prince, "you tell me of marvellous things, but more marvellous than anything is the suffering of men and of women. There is no Mystery so great as Misery. Fly over my city, little Swallow, and tell me what you see there."

So the Swallow flew over the great city, and saw the rich making merry in their beautiful houses, while the beggars were sitting at the gates. He flew into dark lanes, and saw the white faces of starving children looking out listlessly at

the black streets. Under the archway of a bridge two little boys were lying in one another's arms to try and keep themselves warm. "How hungry we are!" they said. "You must not lie here," shouted the Watchman, and they wandered out into the rain.

Then he flew back and told the Prince what he had seen.

"I am covered with fine gold," said the Prince, "you must take it off, leaf by leaf, and give it to my poor; the living always think that gold can make them happy."

Leaf after leaf of the fine gold the Swallow picked off, till the Happy Prince looked quite dull and grey. Leaf after leaf of the fine gold he brought to the poor, and the children's faces grew rosier, and they laughed and played games in the street. "We have bread now!" they cried.

Then the snow came, and after the snow came the frost. The streets looked as if they were made of silver, they were so bright and glistening; long icicles like crystal daggers hung down from the eaves of the houses, everybody went about in furs, and the little boys wore scarlet caps and skated on the ice.

The poor little Swallow grew colder and colder, but he would not leave the Prince, he loved him too well. He picked up crumbs outside the baker's door when the baker was not looking and tried to keep himself warm by flapping his wings.

But at last he knew that he was going to die. He had just strength to fly up to the Prince's shoulder once more. "Good-bye, dear Prince!" he murmured, "will you let me kiss your hand?"

"I am glad that you are going to Egypt at last, little Swallow," said the Prince, "you have stayed too long here; but you must kiss me on the lips, for I love you."

"It is not to Egypt that I am going," said the Swallow. "I am going to the House of Death. Death is the brother of Sleep, is he not?"

And he kissed the Happy Prince on the lips, and fell down dead at his feet.

At that moment a curious crack sounded inside the statue, as if something had broken. The fact is that the leaden heart had snapped right in two. It certainly was a dreadfully hard frost.

Early the next morning the Mayor was walking in the square below in company with the Town Councillors. As they passed the column he looked up at the statue: "Dear me! how shabby the Happy Prince looks!" he said.

"How shabby indeed!" cried the Town Councillors, who always agreed with the Mayor; and they went up to look at it.

"The ruby has fallen out of his sword, his eyes are gone, and he is golden no longer," said the Mayor in fact, "he is litttle beter than a beggar!"

"Little better than a beggar," said the Town Councillors.

"And here is actually a dead bird at his feet!" continued the Mayor. "We must really issue a proclamation that birds are not to be allowed to die here." And the Town Clerk made a note of the suggestion.

So they pulled down the statue of the Happy Prince. "As he is no longer beautiful he is no longer useful," said the Art Professor at the University.

Then they melted the statue in a furnace, and the Mayor held a meeting of the Corporation to decide what was to be done with the metal. "We must have another statue, of course," he said, "and it shall be a statue of myself."

"Of myself," said each of the Town Councillors, and they quarrelled. When I last heard of them they were quarrelling still.

"What a strange thing!" said the overseer of the workmen at the foundry. "This broken lead heart will not melt in the furnace. We must throw it away." So they threw it on a dust-heap where the dead Swallow was also lying.

"Bring me the two most precious things in the city," said God to one of His Angels; and the Angel brought Him the leaden heart and the dead bird.

"You have rightly chosen," said God, "for in my garden of Paradise this little bird shall sing for evermore, and in my city of gold the Happy Prince shall praise me."

THE END

THE NIGHTINGALE AND THE ROSE

"She said that she would dance with me if I brought her red roses," cried the young Student; "but in all my garden there is no red rose."

From her nest in the holm-oak tree the Nightingale heard him, and she looked out through the leaves, and wondered.

"No red rose in all my garden!" he cried, and his beautiful eyes filled with tears. "Ah, on what little things does happiness depend! I have read all that the wise men have written, and all the secrets of philosophy are mine, yet for want of a red rose is my life made wretched."

"Here at last is a true lover," said the Nightingale. "Night after night have I sung of him, though I knew him not: night after night have I told his story to the stars, and now I see him. His hair is dark as the hyacinth-blossom, and his lips are red as the rose of his desire; but passion has made his face like pale ivory, and sorrow has set her seal upon his brow."

"The Prince gives a ball to-morrow night," murmured the young Student, "and my love will be of the company. If I bring her a red rose she will dance with me till dawn. If I bring her a red rose, I shall hold her in my arms, and she will lean her head upon my shoulder, and her hand will be clasped in mine. But there is no red rose in my garden, so I shall sit lonely, and she will pass me by. She will have no heed of me, and my heart will break."

"Here indeed is the true lover," said the Nightingale. "What I sing of, he suffers—what is joy to me, to him is pain. Surely Love is a wonderful thing. It is more precious than emeralds, and dearer than fine opals. Pearls and pomegranates cannot buy it, nor is it set forth in the marketplace. It may not be purchased of the merchants, nor can it be weighed out in the balance for gold."

"The musicians will sit in their gallery," said the young Student, "and play upon their stringed instruments, and my love will dance to the sound of the harp and the violin. She will dance so lightly that her feet will not touch the floor, and the courtiers in their gay dresses will throng round her. But with me she will not dance, for I have no red rose to give her"; and he flung himself down on the grass, and buried his face in his hands, and wept.

"Why is he weeping?" asked a little Green Lizard, as he ran past him with his tail in the air.

"Why, indeed?" said a Butterfly, who was fluttering about after a sunbeam.

"Why, indeed?" whispered a Daisy to his neighbour, in a soft, low voice.

"He is weeping for a red rose," said the Nightingale.

"For a red rose?" they cried; "how very ridiculous!" and the little Lizard, who was something of a cynic, laughed outright.

But the Nightingale understood the secret of the Student's sorrow, and she sat silent in the oak-tree, and thought about the mystery of Love.

Suddenly she spread her brown wings for flight, and soared into the air. She passed through the grove like a shadow, and like a shadow she sailed across the garden.

In the centre of the grass-plot was standing a beautiful Rose-tree, and when she saw it she flew over to it, and lit upon a spray.

"Give me a red rose," she cried, "and I will sing you my sweetest song."

But the Tree shook its head.

"My roses are white," it answered; "as white as the foam of the sea, and whiter than the snow upon the mountain. But go to my brother who grows round the old sun-dial, and perhaps he will give you what you want."

So the Nightingale flew over to the Rose-tree that was growing round the old sun-dial.

"Give me a red rose," she cried, "and I will sing you my sweetest song."

But the Tree shook its head.

"My roses are yellow," it answered; "as yellow as the hair of the mermaiden who sits upon an amber throne, and yellower than the daffodil that blooms in the meadow before the mower comes with his scythe. But go to my brother who grows beneath the Student's window, and perhaps he will give you what you want."

So the Nightingale flew over to the Rose-tree that was growing beneath the Student's window.

"Give me a red rose," she cried, "and I will sing you my sweetest song."

But the Tree shook its head.

"My roses are red," it answered, "as red as the feet of the dove, and redder than the great fans of coral that wave and wave in the ocean-cavern. But the winter has chilled my veins, and the frost has nipped my buds, and the storm has broken my branches, and I shall have no roses at all this year."

"One red rose is all I want," cried the Nightingale, "only one red rose! Is there no way by which I can get it?"

"There is away," answered the Tree; "but it is so terrible that I dare not tell it to you."

"Tell it to me," said the Nightingale, "I am not afraid."

"If you want a red rose," said the Tree, "you must build it out of music by moonlight, and stain it with your own heart's-blood. You must sing to me with your breast against a thorn. All night long you must sing to me, and the thorn must pierce your heart, and your life-blood must flow into my veins, and become mine."

"Death is a great price to pay for a red rose," cried the Nightingale, "and Life is very dear to all. It is pleasant to sit in the green wood, and to watch the Sun in his chariot of gold, and the Moon in her chariot of pearl. Sweet is the scent of the hawthorn, and sweet are the bluebells that hide in the valley, and the heather that blows on the hill. Yet Love is better than Life, and what is the heart of a bird compared to the heart of a man?"

So she spread her brown wings for flight, and soared into the air. She swept over the garden like a shadow, and like a shadow she sailed through the grove.

The young Student was still lying on the grass, where she had left him, and the tears were not yet dry in his beautiful eyes.

"Be happy," cried the Nightingale, "be happy; you shall have your red rose. I will build it out of music by moonlight, and stain it with my own heart's-blood. All that I ask of you in return is that you will be a true lover, for Love is wiser than Philosophy, though she is wise, and mightier than Power, though he is mighty. Flame-coloured are his wings, and coloured like flame is his body. His lips are sweet as honey, and his breath is like frankincense."

The Student looked up from the grass, and listened, but he could not understand what the Nightingale was saying to him, for he only knew the things that are written down in books.

But the Oak-tree understood, and felt sad, for he was very fond of the little Nightingale who had built her nest in his branches.

"Sing me one last song," he whispered; "I shall feel very lonely when you are gone."

So the Nightingale sang to the Oak-tree, and her voice was like water bubbling from a silver jar.

When she had finished her song the Student got up, and pulled a note-book and a lead-pencil out of his pocket.

"She has form," he said to himself, as he walked away through the grove, "that cannot be denied to her; but has she got feeling? I am afraid not. In fact, she is like most artists; she is all style, without any sincerity. She would not sacrifice herself for others. She thinks merely of music, and everybody knows

that the arts are selfish. Still, it must be admitted that she has some beautiful notes in her voice. What a pity it is that they do not mean anything, or do any practical good." And he went into his room, and lay down on his little pallet-bed, and began to think of his love; and, after a time, he fell asleep.

And when the Moon shone in the heavens the Nightingale flew to the Rose-tree, and set her breast against the thorn. All night long she sang with her breast against the thorn, and the cold crystal Moon leaned down and listened. All night long she sang, and the thorn went deeper and deeper into her breast, and her life-blood ebbed away from her.

She sang first of the birth of love in the heart of a boy and a girl. And on the top-most spray of the Rose-tree there blossomed a marvellous rose, petal following petal, as song followed song. Pale was it, at first, as the mist that hangs over the river, pale as the feet of the morning, and silver as the wings of the dawn. As the shadow of a rose in a mirror of silver, as the shadow of a rose in a water-pool, so was the rose that blossomed on the topmost spray of the Tree.

But the Tree cried to the Nightingale to press closer against the thorn. "Press closer, little Nightingale," cried the Tree, "or the Day will come before the rose is finished."

So the Nightingale pressed closer against the thorn, and louder and louder grew her song, for she sang of the birth of passion in the soul of a man and a maid.

And a delicate flush of pink came into the leaves of the rose, like the flush in the face of the bridegroom when he kisses the lips of the bride. But the thorn had not yet reached her heart, so the rose's heart remained white, for only a Nightingale's heart's-blood can crimson the heart of a rose.

And the Tree cried to the Nightingale to press closer against the thorn. "Press closer, little Nightingale," cried the Tree, "or the Day will come before the rose is finished."

So the Nightingale pressed closer against the thorn, and the thorn touched her heart, and a fierce pang of pain shot through her. Bitter, bitter was the pain, and wilder and wilder grew her song, for she sang of the Love that is perfected by Death, of the Love that dies not in the tomb.

And the marvellous rose became crimson, like the rose of the eastern sky. Crimson was the girdle of petals, and crimson as a ruby was the heart.

But the Nightingale's voice grew fainter, and her little wings began to beat, and a film came over her eyes. Fainter and fainter grew her song, and she

felt something choking her in her throat.

Then she gave one last burst of music. The white Moon heard it, and she forgot the dawn, and lingered on in the sky. The red rose heard it, and it trembled all over with ecstasy, and opened its petals to the cold morning air. Echo bore it to her purple cavern in the hills, and woke the sleeping shepherds from their dreams. It floated through the reeds of the river, and they carried its message to the sea.

"Look, look!" cried the Tree, "the rose is finished now"; but the Nightingale made no answer, for she was lying dead in the long grass, with the thorn in her heart.

And at noon the Student opened his window and looked out.

"Why, what a wonderful piece of luck!" he cried; "here is a red rose! I have never seen any rose like it in all my life. It is so beautiful that I am sure it has a long Latin name"; and he leaned down and plucked it.

Then he put on his hat, and ran up to the Professor's house with the rose in his hand.

The daughter of the Professor was sitting in the doorway winding blue silk on a reel, and her little dog was lying at her feet.

"You said that you would dance with me if I brought you a red rose," cried the Student. "Here is the reddest rose in all the world. You will wear it to-night next your heart, and as we dance together it will tell you how I love you."

But the girl frowned.

"I am afraid it will not go with my dress," she answered; "and, besides, the Chamberlain's nephew has sent me some real jewels, and everybody knows that jewels cost far more than flowers."

"Well, upon my word, you are very ungrateful," said the Student angrily; and he threw the rose into the street, where it fell into the gutter, and a cart-wheel went over it.

"Ungrateful!" said the girl. "I tell you what, you are very rude; and, after all, who are you? Only a Student. Why, I don't believe you have even got silver buckles to your shoes as the Chamberlain's nephew has"; and she got up from her chair and went into the house.

"What I a silly thing Love is," said the Student as he walked away. "It is not half as useful as Logic, for it does not prove anything, and it is always telling one of things that are not going to happen, and making one believe things that are not true. In fact, it is quite unpractical, and, as in this age to be practical is

everything, I shall go back to Philosophy and study Metaphysics."

So he returned to his room and pulled out a great dusty book, and began to read.

THE END

THE SELFISH GIANT

Every afternoon, as they were coming from school, the children used to go and play in the Giant's garden.

It was a large lovely garden, with soft green grass. Here and there over the grass stood beautiful flowers like stars, and there were twelve peach-trees that in the spring-time broke out into delicate blossoms of pink and pearl, and in the autumn bore rich fruit. The birds sat on the trees and sang so sweetly that the children used to stop their games in order to listen to them. "How happy we are here!" they cried to each other.

One day the Giant came back. He had been to visit his friend the Cornish ogre, and had stayed with him for seven years. After the seven years were over he had said all that he had to say, for his conversation was limited, and he determined to return to his own castle. When he arrived he saw the children playing in the garden.

"What are you doing here?" he cried in a very gruff voice, and the children ran away.

"My own garden is my own garden," said the Giant; "any one can understand that, and I will allow nobody to play in it but myself." So he built a high wall all round it, and put up a notice-board.

TRESPASSERS
WILL BE
PROSECUTED

He was a very selfish Giant.

The poor children had now nowhere to play. They tried to play on the road, but the road was very dusty and full of hard stones, and they did not like it. They used to wander round the high wall when their lessons were over, and talk about the beautiful garden inside. "How happy we were there," they said to each other.

Then the Spring came, and all over the country there were little blossoms and little birds. Only in the garden of the Selfish Giant it was still winter. The birds did not care to sing in it as there were no children, and the trees forgot to blossom. Once a beautiful flower put its head out from the grass, but when it saw the notice-board it was so sorry for the children that it slipped back into the ground again, and went off to sleep. The only people who were pleased were the Snow and the Frost. "Spring has forgotten this garden," they cried, "so we

will live here all the year round." The Snow covered up the grass with her great white cloak, and the Frost painted all the trees silver. Then they invited the North Wind to stay with them, and he came. He was wrapped in furs, and he roared all day about the garden, and blew the chimney-pots down. "This is a delightful spot," he said, "we must ask the Hail on a visit." So the Hail came. Every day for three hours he rattled on the roof of the castle till he broke most of the slates, and then he ran round and round the garden as fast as he could go. He was dressed in grey, and his breath was like ice.

"I cannot understand why the Spring is so late in coming," said the Selfish Giant, as he sat at the window and looked out at his cold white garden; "I hope there will be a change in the weather."

But the Spring never came, nor the Summer. The Autumn gave golden fruit to every garden, but to the Giant's garden she gave none. "He is too selfish," she said. So it was always Winter there, and the North Wind, and the Hail, and the Frost, and the Snow danced about through the trees.

One morning the Giant was lying awake in bed when he heard some lovely music. It sounded so sweet to his ears that he thought it must be the King's musicians passing by. It was really only a little linnet singing outside his window, but it was so long since he had heard a bird sing in his garden that it seemed to him to be the most beautiful music in the world. Then the Hail stopped dancing over his head, and the North Wind ceased roaring, and a delicious perfume came to him through the open casement. "I believe the Spring has come at last," said the Giant; and he jumped out of bed and looked out.

What did he see?

He saw a most wonderful sight. Through a little hole in the wall the children had crept in, and they were sitting in the branches of the trees. In every tree that he could see there was a little child. And the trees were so glad to have the children back again that they had covered themselves with blossoms, and were waving their arms gently above the children's heads. The birds were flying about and twittering with delight, and the flowers were looking up through the green grass and laughing. It was a lovely scene, only in one corner it was still winter. It was the farthest corner of the garden, and in it was standing a little boy. He was so small that he could not reach up to the branches of the tree, and he was wandering all round it, crying bitterly. The poor tree was still quite covered with frost and snow, and the North Wind was blowing and roaring above it. "Climb up! little boy," said the Tree, and it bent its branches down as low as it could; but the boy was too tiny.

And the Giant's heart melted as he looked out. "How selfish I have been!" he said; "now I know why the Spring would not come here. I will put that poor little boy on the top of the tree, and then I will knock down the wall, and my garden shall be the children's playground for ever and ever." He was really very sorry for what he had done.

So he crept downstairs and opened the front door quite softly, and went out into the garden. But when the children saw him they were so frightened that they all ran away, and the garden became winter again. Only the little boy did not run, for his eyes were so full of tears that he did not see the Giant coming. And the Giant stole up behind him and took him gently in his hand, and put him up into the tree. And the tree broke at once into blossom, and the birds came and sang on it, and the little boy stretched out his two arms and flung them round the Giant's neck, and kissed him. And the other children, when they saw that the Giant was not wicked any longer, came running back, and with them came the Spring. "It is your garden now, little children," said the Giant, and he took a great axe and knocked down the wall. And when the people were going to market at twelve o'clock they found the Giant playing with the children in the most beautiful garden they had ever seen.

All day long they played, and in the evening they came to the Giant to bid him good-bye.

"But where is your little companion?" he said: "the boy I put into the tree." The Giant loved him the best because he had kissed him.

"We don't know," answered the children; "he has gone away."

"You must tell him to be sure and come here to-morrow," said the Giant. But the children said that they did not know where he lived, and had never seen him before; and the Giant felt very sad.

Every afternoon, when school was over, the children came and played with the Giant. But the little boy whom the Giant loved was never seen again. The Giant was very kind to all the children, yet he longed for his first little friend, and often spoke of him. "How I would like to see him!" he used to say.

Years went over, and the Giant grew very old and feeble. He could not play about any more, so he sat in a huge armchair, and watched the children at their games, and admired his garden. "I have many beautiful flowers," he said; "but the children are the most beautiful flowers of all."

One winter morning he looked out of his window as he was dressing. He did not hate the Winter now, for he knew that it was merely the Spring asleep, and that the flowers were resting.

Suddenly he rubbed his eyes in wonder, and looked and looked. It certainly was a marvellous sight. In the farthest corner of the garden was a tree quite covered with lovely white blossoms. Its branches were all golden, and silver fruit hung down from them, and underneath it stood the little boy he had loved.

Downstairs ran the Giant in great joy, and out into the garden. He hastened across the grass, and came near to the child. And when he came quite close his face grew red with anger, and he said, "Who hath dared to wound thee?" For on the palms of the child's hands were the prints of two nails, and the prints of two nails were on the little feet.

"Who hath dared to wound thee?" cried the Giant; "tell me, that I may take my big sword and slay him."

"Nay!" answered the child; "but these are the wounds of Love."

"Who art thou?" said the Giant, and a strange awe fell on him, and he knelt before the little child.

And the child smiled on the Giant, and said to him, "You let me play once in your garden, to-day you shall come with me to my garden, which is Paradise."

And when the children ran in that afternoon, they found the Giant lying dead under the tree, all covered with white blossoms.

THE END

THE DEVOTED FRIEND

One morning the old Water-rat put his head out of his hole. He had bright beady eyes and stiff grey whiskers and his tail was like a long bit of black india-rubber. The little ducks were swimming about in the pond, looking just like a lot of yellow canaries, and their mother, who was pure white with real red legs, was trying to teach them how to stand on their heads in the water.

"You will never be in the best society unless you can stand on your heads," she kept saying to them; and every now and then she showed them how it was done. But the little ducks paid no attention to her. They were so young that they did not know what an advantage it is to be in society at all.

"What disobedient children!" cried the old Water-rat; "they really deserve to be drowned."

"Nothing of the kind," answered the Duck, "every one must make a beginning, and parents cannot be too patient."

"Ah! I know nothing about the feelings of parents," said the Water-rat; "I am not a family man. In fact, I have never been married, and I never intend to be. Love is all very well in its way, but friendship is much higher. Indeed, I know of nothing in the world that is either nobler or rarer than a devoted friendship."

"And what, pray, is your idea of the duties of a devoted friend?" asked a Green Linnet, who was sitting in a willow-tree hard by, and had overheard the conversation.

"Yes, that is just what I want to know," said the Duck; and she swam away to the end of the pond, and stood upon her head, in order to give her children a good example.

"What a silly question!" cried the Water-rat. "I should expect my devoted friend to be devoted to me, of course."

"And what would you do in return?" said the little bird, swinging upon a silver spray, and flapping his tiny wings.

"I don't understand you," answered the Water-rat.

"Let me tell you a story on the subject," said the Linnet.

"Is the story about me?" asked the Water-rat. "If so, I will listen to it, for I am extremely fond of fiction."

"It is applicable to you," answered the Linnet; and he flew down, and alighting upon the bank, he told the story of The Devoted Friend.

"Once upon a time," said the Linnet, "there was an honest little fellow

named Hans."

"Was he very distinguished?" asked the Water-rat.

"No," answered the Linnet, "I don't think he was distinguished at all, except for his kind heart, and his funny round good-humoured face. He lived in a tiny cottage all by himself, and every day he worked in his garden. In all the country-side there was no garden so lovely as his. Sweet-william grew there, and Gilly-flowers, and Shepherds'-purses, and Fair-maids of France. There were damask Roses, and yellow Roses, lilac Crocuses, and gold, purple Violets and white. Columbine and Ladysmock, Marjoram and Wild Basil, the Cowslip and the Flower-de-luce, the Daffodil and the Clove-Pink bloomed or blossomed in their proper order as the months went by, one flower taking another flower's place, so that there were always beautiful things to look at, and pleasant odours to smell.

"Little Hans had a great many friends, but the most devoted friend of all was big Hugh the Miller. Indeed, so devoted was the rich Miller to little Hans, that be would never go by his garden without leaning over the wall and plucking a large nosegay, or a handful of sweet herbs, or filling his pockets with plums and cherries if it was the fruit season.

"'Real friends should have everything in common,' the Miller used to say, and little Hans nodded and smiled, and felt very proud of having a friend with such noble ideas.

"Sometimes, indeed, the neighbours thought it strange that the rich Miller never gave little Hans anything in return, though he had a hundred sacks of flour stored away in his mill, and six milch cows, and a large flock of woolly sheep; but Hans never troubled his head about these things, and nothing gave him greater pleasure than to listen to all the wonderful things the Miller used to say about the unselfishness of true friendship.

"So little Hans worked away in his garden. During the spring, the summer, and the autumn he was very happy, but when the winter came, and he had no fruit or flowers to bring to the market, he suffered a good deal from cold and hunger, and often had to go to bed without any supper but a few dried pears or some hard nuts. In the winter, also, he was extremely lonely, as the Miller never came to see him then.

"'There is no good in my going to see little Hans as long as the snow lasts,' the Miller used to say to his wife, 'for when people are in trouble they should be left alone, and not be bothered by visitors. That at least is my idea about friendship, and I am sure I am right. So I shall wait till the spring comes,

and then I shall pay him a visit, and he will be able to give me a large basket of primroses and that will make him so happy.'

"'You are certainly very thoughtful about others,' answered the Wife, as she sat in her comfortable armchair by the big pinewood fire; 'very thoughtful indeed. It is quite a treat to hear you talk about friendship. I am sure the clergyman himself could not say such beautiful things as you do, though he does live in a three-storied house, and wear a gold ring on his little finger.'

"'But could we not ask little Hans up here?' said the Miller's youngest son. 'If poor Hans is in trouble I will give him half my porridge, and show him my white rabbits.'

"'What a silly boy you are'! cried the Miller; 'I really don't know what is the use of sending you to school. You seem not to learn anything. Why, if little Hans came up here, and saw our warm fire, and our good supper, and our great cask of red wine, he might get envious, and envy is a most terrible thing, and would spoil anybody's nature. I certainly will not allow Hans' nature to be spoiled. I am his best friend, and I will always watch over him, and see that he is not led into any temptations. Besides, if Hans came here, he might ask me to let him have some flour on credit, and that I could not do. Flour is one thing, and friendship is another, and they should not be confused. Why, the words are spelt differently, and mean quite different things. Everybody can see that.'

"'How well you talk'! said the Miller's Wife, pouring herself out a large glass of warm ale; 'really I feel quite drowsy. It is just like being in church.'

"'Lots of people act well,' answered the Miller; 'but very few people talk well, which shows that talking is much the more difficult thing of the two, and much the finer thing also'; and he looked sternly across the table at his little son, who felt so ashamed of himself that he hung his head down, and grew quite scarlet, and began to cry into his tea. However, he was so young that you must excuse him."

"Is that the end of the story?" asked the Water-rat.

"Certainly not," answered the Linnet, "that is the beginning."

"Then you are quite behind the age," said the Water-rat. "Every good story-teller nowadays starts with the end, and then goes on to the beginning, and concludes with the middle. That is the new method. I heard all about it the other day from a critic who was walking round the pond with a young man. He spoke of the matter at great length, and I am sure he must have been right, for he had blue spectacles and a bald head, and whenever the young man made any remark, he always answered 'Pooh!' But pray go on with your story. I like the

Miller immensely. I have all kinds of beautiful sentiments myself, so there is a great sympathy between us."

"Well," said the Linnet, hopping now on one leg and now on the other, "as soon as the winter was over, and the primroses began to open their pale yellow stars, the Miller said to his wife that he would go down and see little Hans.

"'Why, what a good heart you have'! cried his Wife; 'you are always thinking of others. And mind you take the big basket with you for the flowers.'

"So the Miller tied the sails of the windmill together with a strong iron chain, and went down the hill with the basket on his arm.

"'Good morning, little Hans,' said the Miller.

"'Good morning,' said Hans, leaning on his spade, and smiling from ear to ear.

"'And how have you been all the winter?' said the Miller.

"'Well, really,' cried Hans, 'it is very good of you to ask, very good indeed. I am afraid I had rather a hard time of it, but now the spring has come, and I am quite happy, and all my flowers are doing well.'

"'We often talked of you during the winter, Hans,' said the Miller, 'and wondered how you were getting on.'

"'That was kind of you,' said Hans; 'I was half afraid you had forgotten me.'

"'Hans, I am surprised at you,' said the Miller; 'friendship never forgets. That is the wonderful thing about it, but I am afraid you don't understand the poetry of life. How lovely your primroses are looking, by-the-bye"!

"'They are certainly very lovely,' said Hans, 'and it is a most lucky thing for me that I have so many. I am going to bring them into the market and sell them to the Burgomaster's daughter, and buy back my wheelbarrow with the money.'

"'Buy back your wheelbarrow? You don't mean to say you have sold it? What a very stupid thing to do'!

"'Well, the fact is,' said Hans, 'that I was obliged to. You see the winter was a very bad time for me, and I really had no money at all to buy bread with. So I first sold the silver buttons off my Sunday coat, and then I sold my silver chain, and then I sold my big pipe, and at last I sold my wheelbarrow. But I am going to buy them all back again now.'

"'Hans,' said the Miller, 'I will give you my wheelbarrow. It is not in very good repair; indeed, one side is gone, and there is something wrong with the

wheel-spokes; but in spite of that I will give it to you. I know it is very generous of me, and a great many people would think me extremely foolish for parting with it, but I am not like the rest of the world. I think that generosity is the essence of friendship, and, besides, I have got a new wheelbarrow for myself. Yes, you may set your mind at ease, I will give you my wheelbarrow.'

"'Well, really, that is generous of you,' said little Hans, and his funny round face glowed all over with pleasure. 'I can easily put it in repair, as I have a plank of wood in the house.'

"'A plank of wood'! said the Miller; 'why, that is just what I want for the roof of my barn. There is a very large hole in it, and the corn will all get damp if I don't stop it up. How lucky you mentioned it! It is quite remarkable how one good action always breeds another. I have given you my wheelbarrow, and now you are going to give me your plank. Of course, the wheelbarrow is worth far more than the plank, but true, friendship never notices things like that. Pray get it at once, and I will set to work at my barn this very day.'

"'Certainly,' cried little Hans, and he ran into the shed and dragged the plank out.

"'It is not a very big plank,' said the Miller, looking at it, 'and I am afraid that after I have mended my barn-roof there won't be any left for you to mend the wheelbarrow with; but, of course, that is not my fault. And now, as I have given you my wheelbarrow, I am sure you would like to give me some flowers in return. Here is the basket, and mind you fill it quite full.'

"'Quite full?' said little Hans, rather sorrowfully, for it was really a very big basket, and he knew that if he filled it he would have no flowers left for the market and he was very anxious to get his silver buttons back.

"'Well, really,' answered the Miller, 'as I have given you my wheelbarrow, I don't think that it is much to ask you for a few flowers. I may be wrong, but I should have thought that friendship, true friendship, was quite free from selfishness of any kind.'

"'My dear friend, my best friend,' cried little Hans, 'you are welcome to all the flowers in my garden. I would much sooner have your good opinion than my silver buttons, any day'; and he ran and plucked all his pretty primroses, and filled the Miller's basket.

"'Good-bye, little Hans,' said the Miller, as he went up the hill with the plank on his shoulder, and the big basket in his hand.

"'Good-bye,' said little Hans, and he began to dig away quite merrily, he was so pleased about the wheelbarrow.

"The next day he was nailing up some honeysuckle against the porch, when he heard the Miller's voice calling to him from the road. So he jumped off the ladder, and ran down the garden, and looked over the wall.

"There was the Miller with a large sack of flour on his back.

"'Dear little Hans,' said the Miller, 'would you mind carrying this sack of flour for me to market?'

"'Oh, I am so sorry,' said Hans, 'but I am really very busy to-day. I have got all my creepers to nail up, and all my flowers to water, and all my grass to roll.'

"'Well, really,' said the Miller, 'I think that, considering that I am going to give you my wheelbarrow, it is rather unfriendly of you to refuse.'

"'Oh, don't say that,' cried little Hans, 'I wouldn't be unfriendly for the whole world'; and he ran in for his cap, and trudged off with the big sack on his shoulders.

"It was a very hot day, and the road was terribly dusty, and before Hans had reached the sixth milestone he was so tired that he had to sit down and rest. However, he went on bravely, and as last he reached the market. After he had waited there some time, he sold the sack of flour for a very good price, and then he returned home at once, for he was afraid that if he stopped too late he might meet some robbers on the way.

"'It has certainly been a hard day,' said little Hans to himself as he was going to bed, 'but I am glad I did not refuse the Miller, for he is my best friend, and, besides, he is going to give me his wheelbarrow.'

"Early the next morning the Miller came down to get the money for his sack of flour, but little Hans was so tired that he was still in bed.

"'Upon my word,' said the Miller, 'you are very lazy. Really, considering that I am going to give you my wheelbarrow, I think you might work harder. Idleness is a great sin, and I certainly don't like any of my friends to be idle or sluggish. You must not mind my speaking quite plainly to you. Of course I should not dream of doing so if I were not your friend. But what is the good of friendship if one cannot say exactly what one means? Anybody can say charming things and try to please and to flatter, but a true friend always says unpleasant things, and does not mind giving pain. Indeed, if he is a really true friend he prefers it, for he knows that then he is doing good.'

"'I am very sorry,' said little Hans, rubbing his eyes and pulling off his night-cap, 'but I was so tired that I thought I would lie in bed for a little time, and listen to the birds singing. Do you know that I always work better after

hearing the birds sing?'

"'Well, I am glad of that,' said the Miller, clapping little Hans on the back, 'for I want you to come up to the mill as soon as you are dressed, and mend my barn-roof for me.'

"Poor little Hans was very anxious to go and work in his garden, for his flowers had not been watered for two days, but he did not like to refuse the Miller, as he was such a good friend to him.

"'Do you think it would be unfriendly of me if I said I was busy?' he inquired in a shy and timid voice.

"'Well, really,' answered the Miller, 'I do not think it is much to ask of you, considering that I am going to give you my wheelbarrow; but of course if you refuse I will go and do it myself.'

"'Oh! on no account,' cried little Hans and he jumped out of bed, and dressed himself, and went up to the barn.

"He worked there all day long, till sunset, and at sunset the Miller came to see how he was getting on.

"'Have you mended the hole in the roof yet, little Hans?' cried the Miller in a cheery voice.

"'It is quite mended,' answered little Hans, coming down the ladder.

"'Ah'! said the Miller, 'there is no work so delightful as the work one does for others.'

"'It is certainly a great privilege to hear you talk,' answered little Hans, sitting down, and wiping his forehead, 'a very great privilege. But I am afraid I shall never have such beautiful ideas as you have.'

"'Oh! they will come to you,' said the Miller, 'but you must take more pains. At present you have only the practice of friendship; some day you will have the theory also.'

"'Do you really think I shall?' asked little Hans.

"'I have no doubt of it,' answered the Miller, 'but now that you have mended the roof, you had better go home and rest, for I want you to drive my sheep to the mountain to-morrow.'

"Poor little Hans was afraid to say anything to this, and early the next morning the Miller brought his sheep round to the cottage, and Hans started off with them to the mountain. It took him the whole day to get there and back; and when he returned he was so tired that he went off to sleep in his chair, and did not wake up till it was broad daylight.

"'What a delightful time I shall have in my garden,' he said, and he went

to work at once.

"But somehow he was never able to look after his flowers at all, for his friend the Miller was always coming round and sending him off on long errands, or getting him to help at the mill. Little Hans was very much distressed at times, as he was afraid his flowers would think he had forgotten them, but he consoled himself by the reflection that the Miller was his best friend. 'Besides,' he used to say, 'he is going to give me his wheelbarrow, and that is an act of pure generosity.'

"So little Hans worked away for the Miller, and the Miller said all kinds of beautiful things about friendship, which Hans took down in a note-book, and used to read over at night, for he was a very good scholar.

"Now it happened that one evening little Hans was sitting by his fireside when a loud rap came at the door. It was a very wild night, and the wind was blowing and roaring round the house so terribly that at first he thought it was merely the storm. But a second rap came, and then a third, louder than any of the others.

"'It is some poor traveller,' said little Hans to himself, and he ran to the door.

"There stood the Miller with a lantern in one hand and a big stick in the other.

"'Dear little Hans,' cried the Miller, 'I am in great trouble. My little boy has fallen off a ladder and hurt himself, and I am going for the Doctor. But he lives so far away, and it is such a bad night, that it has just occurred to me that it would be much better if you went instead of me. You know I am going to give you my wheelbarrow, and so, it is only fair that you should do something for me in return.'

"'Certainly,' cried little Hans, 'I take it quite as a compliment your coming to me, and I will start off at once. But you must lend me your lantern, as the night is so dark that I am afraid I might fall into the ditch.'

"'I am very sorry,' answered the Miller, 'but it is my new lantern, and it would be a great loss to me if anything happened to it.'

"'Well, never mind, I will do without it,' cried little Hans, and he took down his great fur coat, and his warm scarlet cap, and tied a muffler round his throat, and started off.

"What a dreadful storm it was! The night was so black that little Hans could hardly see, and the wind was so strong that he could scarcely stand. However, he was very courageous, and after he had been walking about three

hours, he arrived at the Doctor's house, and knocked at the door.

"'Who is there?' cried the Doctor, putting his head out of his bedroom window.

"'Little Hans, Doctor.'

"'What do you want, little Hans?'

"'The Miller's son has fallen from a ladder, and has hurt himself, and the Miller wants you to come at once.'

"'All right!' said the Doctor; and he ordered his horse, and his big boots, and his lantern, and came downstairs, and rode off in the direction of the Miller's house, little Hans trudging behind him.

"But the storm grew worse and worse, and the rain fell in torrents, and little Hans could not see where he was going, or keep up with the horse. At last he lost his way, and wandered off on the moor, which was a very dangerous place, as it was full of deep holes, and there poor little Hans was drowned. His body was found the next day by some goatherds, floating in a great pool of water, and was brought back by them to the cottage.

"Everybody went to little Hans' funeral, as he was so popular, and the Miller was the chief mourner.

"'As I was his best friend,' said the Miller, 'it is only fair that I should have the best place'; so he walked at the head of the procession in a long black cloak, and every now and then he wiped his eyes with a big pocket-handkerchief.

"'Little Hans is certainly a great loss to every one,' said the Blacksmith, when the funeral was over, and they were all seated comfortably in the inn, drinking spiced wine and eating sweet cakes.

"'A great loss to me at any rate,' answered the Miller; 'why, I had as good as given him my wheelbarrow, and now I really don't know what to do with it. It is very much in my way at home, and it is in such bad repair that I could not get anything for it if I sold it. I will certainly take care not to give away anything again. One always suffers for being generous.'"

"Well?" said the Water-rat, after a long pause.

"Well, that is the end," said the Linnet.

"But what became of the Miller?" asked the Water-rat.

"Oh! I really don't know," replied the Linnet; "and I am sure that I don't care."

"It is quite evident then that you have no sympathy in your nature," said the Water-rat.

"I am afraid you don't quite see the moral of the story," remarked the Linnet.

"The what?" screamed the Water-rat.

"The moral."

"Do you mean to say that the story has a moral?"

"Certainly," said the Linnet.

"Well, really," said the Water-rat, in a very angry manner, "I think you should have told me that before you began. If you had done so, I certainly would not have listened to you; in fact, I should have said 'Pooh,' like the critic. However, I can say it now"; so he shouted out "Pooh" at the top of his voice, gave a whisk with his tail, and went back into his hole.

"And how do you like the Water-rat?" asked the Duck, who came paddling up some minutes afterwards. "He has a great many good points, but for my own part I have a mother's feelings, and I can never look at a confirmed bachelor without the tears coming into my eyes."

"I am rather afraid that I have annoyed him," answered the Linnet. "The fact is, that I told him a story with a moral."

"Ah! that is always a very dangerous thing to do," said the Duck.

And I quite agree with her.

THE END

THE REMARKABLE ROCKET

The King's son was going to be married, so there were general rejoicings. He had waited a whole year for his bride, and at last she had arrived. She was a Russian Princess, and had driven all the way from Finland in a sledge drawn by six reindeer. The sledge was shaped like a great golden swan, and between the swan's wings lay the little Princess herself. Her long ermine-cloak reached right down to her feet, on her head was a tiny cap of silver tissue, and she was as pale as the Snow Palace in which she had always lived. So pale was she that as she drove through the streets all the people wondered. "She is like a white rose!" they cried, and they threw down flowers on her from the balconies.

At the gate of the Castle the Prince was waiting to receive her. He had dreamy violet eyes, and his hair was like fine gold. When he saw her he sank upon one knee, and kissed her hand.

"Your picture was beautiful," he murmured, "but you are more beautiful than your picture"; and the little Princess blushed.

"She was like a white rose before," said a young Page to his neighbour, "but she is like a red rose now"; and the whole Court was delighted.

For the next three days everybody went about saying, "White rose, Red rose, Red rose, White rose"; and the King gave orders that the Page's salary was to be doubled. As he received no salary at all this was not of much use to him, but it was considered a great honour, and was duly published in the Court Gazette.

When the three days were over the marriage was celebrated. It was a magnificent ceremony, and the bride and bridegroom walked hand in hand under a canopy of purple velvet embroidered with little pearls. Then there was a State Banquet, which lasted for five hours. The Prince and Princess sat at the top of the Great Hall and drank out of a cup of clear crystal. Only true lovers could drink out of this cup, for if false lips touched it, it grew grey and dull and cloudy.

"It's quite clear that they love each other," said the little Page, "as clear as crystal!" and the King doubled his salary a second time. "What an honour!" cried all the courtiers.

After the banquet there was to be a Ball. The bride and bridegroom were to dance the Rose-dance together, and the King had promised to play the flute. He played very badly, but no one had ever dared to tell him so, because he was the King. Indeed, he knew only two airs, and was never quite certain which one

he was playing; but it made no matter, for, whatever he did, everybody cried out, "Charming! charming!"

The last item on the programme was a grand display of fireworks, to be let off exactly at midnight. The little Princess had never seen a firework in her life, so the King had given orders that the Royal Pyrotechnist should be in attendance on the day of her marriage.

"What are fireworks like?" she had asked the Prince, one morning, as she was walking on the terrace.

"They are like the Aurora Borealis," said the King, who always answered questions that were addressed to other people, "only much more natural. I prefer them to stars myself, as you always know when they are going to appear, and they are as delightful as my own flute-playing. You must certainly see them."

So at the end of the King's garden a great stand had been set up, and as soon as the Royal Pyrotechnist had put everything in its proper place, the fireworks began to talk to each other.

"The world is certainly very beautiful," cried a little Squib. "Just look at those yellow tulips. Why! if they were real crackers they could not be lovelier. I am very glad I have travelled. Travel improves the mind wonderfully, and does away with all one's prejudices."

"The King's garden is not the world, you foolish squib," said a big Roman Candle; "the world is an enormous place, and it would take you three days to see it thoroughly."

"Any place you love is the world to you," exclaimed a pensive Catherine Wheel, who had been attached to an old deal box in early life, and prided herself on her broken heart; "but love is not fashionable any more, the poets have killed it. They wrote so much about it that nobody believed them, and I am not surprised. True love suffers, and is silent. I remember myself once—But it is no matter now. Romance is a thing of the past."

"Nonsense!" said the Roman Candle, "Romance never dies. It is like the moon, and lives for ever. The bride and bridegroom, for instance, love each other very dearly. I heard all about them this morning from a brown-paper cartridge, who happened to be staying in the same drawer as myself, and knew the latest Court news."

But the Catherine Wheel shook her head. "Romance is dead, Romance is dead, Romance is dead," she murmured. She was one of those people who think that, if you say the same thing over and over a great many times, it becomes true

in the end.

Suddenly, a sharp, dry cough was heard, and they all looked round.

It came from a tall, supercilious-looking Rocket, who was tied to the end of a long stick. He always coughed before he made any observation, so as to attract attention.

"Ahem! ahem!" he said, and everybody listened except the poor Catherine Wheel, who was still shaking her head, and murmuring, "Romance is dead."

"Order! order!" cried out a Cracker. He was something of a politician, and had always taken a prominent part in the local elections, so he knew the proper Parliamentary expressions to use.

"Quite dead," whispered the Catherine Wheel, and she went off to sleep.

As soon as there was perfect silence, the Rocket coughed a third time and began. He spoke with a very slow, distinct voice, as if he was dictating his memoirs, and always looked over the shoulder of the person to whom he was talking. In fact, he had a most distinguished manner.

"How fortunate it is for the King's son," he remarked, "that he is to be married on the very day on which I am to be let off. Really, if it had been arranged beforehand, it could not have turned out better for him; but, Princes are always lucky."

"Dear me!" said the little Squib, "I thought it was quite the other way, and that we were to be let off in the Prince's honour."

"It may be so with you," he answered; "indeed, I have no doubt that it is, but with me it is different. I am a very remarkable Rocket, and come of remarkable parents. My mother was the most celebrated Catherine Wheel of her day, and was renowned for her graceful dancing. When she made her great public appearance she spun round nineteen times before she went out, and each time that she did so she threw into the air seven pink stars. She was three feet and a half in diameter, and made of the very best gunpowder. My father was a Rocket like myself, and of French extraction. He flew so high that the people were afraid that he would never come down again. He did, though, for he was of a kindly disposition, and he made a most brilliant descent in a shower of golden rain. The newspapers wrote about his performance in very flattering terms. Indeed, the Court Gazette called him a triumph of Pylotechnic art."

"Pyrotechnic, Pyrotechnic, you mean," said a Bengal Light; "I know it is Pyrotechnic, for I saw it written on my own canister."

"Well, I said Pylotechnic," answered the Rocket, in a severe tone of voice, and the Bengal Light felt so crushed that he began at once to bully the little

squibs, in order to show that he was still a person of some importance.

"I was saying," continued the Rocket, "I was saying—What was I saying?"

"You were talking about yourself," replied the Roman Candle.

"Of course; I knew I was discussing some interesting subject when I was so rudely interrupted. I hate rudeness and bad manners of every kind, for I am extremely sensitive. No one in the whole world is so sensitive as I am, I am quite sure of that."

"What is a sensitive person?" said the Cracker to the Roman Candle.

"A person who, because he has corns himself, always treads on other people's toes," answered the Roman Candle in a low whisper; and the Cracker nearly exploded with laughter.

"Pray, what are you laughing at?" inquired the Rocket; "I am not laughing."

"I am laughing because I am happy," replied the Cracker.

"That is a very selfish reason," said the Rocket angrily. "What right have you to be happy? You should be thinking about others. In fact, you should be thinking about me. I am always thinking about myself, and I expect everybody else to do the same. That is what is called sympathy. It is a beautiful virtue, and I possess it in a high degree. Suppose, for instance, anything happened to me to-night, what a misfortune that would be for every one! The Prince and Princess would never be happy again, their whole married life would be spoiled; and as for the King, I know he would not get over it. Really, when I begin to reflect on the importance of my position, I am almost moved to tears."

"If you want to give pleasure to others," cried the Roman Candle, "you had better keep yourself dry."

"Certainly," exclaimed the Bengal Light, who was now in better spirits; "that is only common sense."

"Common sense, indeed!" said the Rocket indignantly; "you forget that I am very uncommon, and very remarkable. Why, anybody can have common sense, provided that they have no imagination. But I have imagination, for I never think of things as they really are; I always think of them as being quite different. As for keeping myself dry, there is evidently no one here who can at all appreciate an emotional nature. Fortunately for myself, I don't care. The only thing that sustains one through life is the consciousness of the immense inferiority of everybody else, and this is a feeling that I have always cultivated. But none of you have any hearts. Here you are laughing and making merry just

as if the Prince and Princess had not just been married."

"Well, really," exclaimed a small Fire-balloon, "why not? It is a most joyful occasion, and when I soar up into the air I intend to tell the stars all about it. You will see them twinkle when I talk to them about the pretty bride."

"Ah! what a trivial view of life!" said the Rocket; "but it is only what I expected. There is nothing in you; you are hollow and empty. Why, perhaps the Prince and Princess may go to live in a country where there is a deep river, and perhaps they may have one only son, a little fair-haired boy with violet eyes like the Prince himself; and perhaps some day he may go out to walk with his nurse; and perhaps the nurse may go to sleep under a great elder-tree; and perhaps the little boy may fall into the deep river and be drowned. What a terrible misfortune! Poor people, to lose their only son! It is really too dreadful! I shall never get over it."

"But they have not lost their only son," said the Roman Candle; "no misfortune has happened to them at all."

"I never said that they had," replied the Rocket; "I said that they might. If they had lost their only son there would be no use in saying anything more about the matter. I hate people who cry over spilt milk. But when I think that they might lose their only son, I certainly am very much affected."

"You certainly are!" cried the Bengal Light. "In fact, you are the most affected person I ever met."

"You are the rudest person I ever met," said the Rocket, "and you cannot understand my friendship for the Prince."

"Why, you don't even know him," growled the Roman Candle.

"I never said I knew him," answered the Rocket. "I dare say that if I knew him I should not be his friend at all. It is a very dangerous thing to know one's friends."

"You had really better keep yourself dry," said the Fire-balloon. "That is the important thing."

"Very important for you, I have no doubt," answered the Rocket, "but I shall weep if I choose"; and he actually burst into real tears, which flowed down his stick like rain-drops, and nearly drowned two little beetles, who were just thinking of setting up house together, and were looking for a nice dry spot to live in.

"He must have a truly romantic nature," said the Catherine Wheel, "for he weeps when there is nothing at all to weep about"; and she heaved a deep sigh, and thought about the deal box.

But the Roman Candle and the Bengal Light were quite indignant, and kept saying, "Humbug! humbug!" at the top of their voices. They were extremely practical, and whenever they objected to anything they called it humbug.

Then the moon rose like a wonderful silver shield; and the stars began to shine, and a sound of music came from the palace.

The Prince and Princess were leading the dance. They danced so beautifully that the tall white lilies peeped in at the window and watched them, and the great red poppies nodded their heads and beat time.

Then ten o'clock struck, and then eleven, and then twelve, and at the last stroke of midnight every one came out on the terrace, and the King sent for the Royal Pyrotechnist.

"Let the fireworks begin," said the King; and the Royal Pyrotechnist made a low bow, and marched down to the end of the garden. He had six attendants with him, each of whom carried a lighted torch at the end of a long pole.

It was certainly a magnificent display.

Whizz! Whizz! went the Catherine Wheel, as she spun round and round. Boom! Boom! went the Roman Candle. Then the Squibs danced all over the place, and the Bengal Lights made everything look scarlet. "Good-bye," cried the Fire-balloon, as he soared away, dropping tiny blue sparks. Bang! Bang! answered the Crackers, who were enjoying themselves immensely. Every one was a great success except the Remarkable Rocket. He was so damp with crying that he could not go off at all. The best thing in him was the gunpowder, and that was so wet with tears that it was of no use. All his poor relations, to whom he would never speak, except with a sneer, shot up into the sky like wonderful golden flowers with blossoms of fire. Huzza! Huzza! cried the Court; and the little Princess laughed with pleasure.

"I suppose they are reserving me for some grand occasion," said the Rocket; "no doubt that is what it means," and he looked more supercilious than ever.

The next day the workmen came to put everything tidy. "This is evidently a deputation," said the Rocket; "I will receive them with becoming dignity" so he put his nose in the air, and began to frown severely as if he were thinking about some very important subject. But they took no notice of him at all till they were just going away. Then one of them caught sight of him. "Hallo!" he cried, "what a bad rocket!" and he threw him over the wall into the

ditch.

"BAD Rocket? BAD Rocket?" he said, as he whirled through the air; "impossible! GRAND Rocket, that is what the man said. BAD and GRAND sound very much the same, indeed they often are the same"; and he fell into the mud.

"It is not comfortable here," he remarked, "but no doubt it is some fashionable watering-place, and they have sent me away to recruit my health. My nerves are certainly very much shattered, and I require rest."

Then a little Frog, with bright jewelled eyes, and a green mottled coat, swam up to him.

"A new arrival, I see!" said the Frog. "Well, after all there is nothing like mud. Give me rainy weather and a ditch, and I am quite happy. Do you think it will be a wet afternoon? I am sure I hope so, but the sky is quite blue and cloudless. What a pity!"

"Ahem! ahem!" said the Rocket, and he began to cough.

"What a delightful voice you have!" cried the Frog. "Really it is quite like a croak, and croaking is of course the most musical sound in the world. You will hear our glee-club this evening. We sit in the old duck pond close by the farmer's house, and as soon as the moon rises we begin. It is so entrancing that everybody lies awake to listen to us. In fact, it was only yesterday that I heard the farmer's wife say to her mother that she could not get a wink of sleep at night on account of us. It is most gratifying to find oneself so popular."

"Ahem! ahem!" said the Rocket angrily. He was very much annoyed that he could not get a word in.

"A delightful voice, certainly," continued the Frog; "I hope you will come over to the duck-pond. I am off to look for my daughters. I have six beautiful daughters, and I am so afraid the Pike may meet them. He is a perfect monster, and would have no hesitation in breakfasting off them. Well, good-bye: I have enjoyed our conversation very much, I assure you."

"Conversation, indeed!" said the Rocket. "You have talked the whole time yourself. That is not conversation."

"Somebody must listen," answered the Frog, "and I like to do all the talking myself. It saves time, and prevents arguments."

"But I like arguments," said the Rocket.

"I hope not," said the Frog complacently. "Arguments are extremely vulgar, for everybody in good society holds exactly the same opinions. Good-bye a second time; I see my daughters in the distance and the little Frog swam away.

"You are a very irritating person," said the Rocket, "and very ill-bred. I hate people who talk about themselves, as you do, when one wants to talk about oneself, as I do. It is what I call selfishness, and selfishness is a most detestable thing, especially to any one of my temperament, for I am well known for my sympathetic nature. In fact, you should take example by me; you could not possibly have a better model. Now that you have the chance you had better avail yourself of it, for I am going back to Court almost immediately. I am a great favourite at Court; in fact, the Prince and Princess were married yesterday in my honour. Of course you know nothing of these matters, for you are a provincial."

"There is no good talking to him," said a Dragon-fly, who was sitting on the top of a large brown bulrush; "no good at all, for he has gone away."

"Well, that is his loss, not mine," answered the Rocket. "I am not going to stop talking to him merely because he pays no attention. I like hearing myself talk. It is one of my greatest pleasures. I often have long conversations all by myself, and I am so clever that sometimes I don't understand a single word of what I am saying."

"Then you should certainly lecture on Philosophy," said the Dragon-fly; and he spread a pair of lovely gauze wings and soared away into the sky.

"How very silly of him not to stay here!" said the Rocket. "I am sure that he has not often got such a chance of improving his mind. However, I don't care a bit. Genius like mine is sure to be appreciated some day"; and he sank down a little deeper into the mud.

After some time a large White Duck swam up to him. She had yellow legs, and webbed feet, and was considered a great beauty on account of her waddle.

"Quack, quack, quack," she said. "What a curious shape you are! May I ask were you born like that, or is it the result of an accident?"

"It is quite evident that you have always lived in the country," answered the Rocket, "otherwise you would know who I am. However, I excuse your ignorance. It would be unfair to expect other people to be as remarkable as oneself. You will no doubt be surprised to hear that I can fly up into the sky, and come down in a shower of golden rain."

"I don't think much of that," said the Duck, "as I cannot see what use it is to any one. Now, if you could plough the fields like the ox, or draw a cart like the horse, or look after the sheep like the collie-dog, that would be something."

"My good creature," cried the Rocket in a very haughty tone of voice, "I see that you belong to the lower orders. A person of my position is never useful.

We have certain accomplishments, and that is more than sufficient. I have no sympathy myself with industry of any kind, least of all with such industries as you seem to recommend. Indeed, I have always been of opinion that hard work is simply the refuge of people who have nothing whatever to do."

"Well, well," said the Duck, who was of a very peaceable disposition, and never quarrelled with any one, "everybody has different tastes. I hope, at any rate, that you are going to take up your residence here."

"Oh! dear no," cried the Rocket. "I am merely a visitor, a distinguished visitor. The fact is that I find this place rather tedious. There is neither society here, nor solitude. In fact, it is essentially suburban. I shall probably go back to Court, for I know that I am destined to make a sensation in the world."

"I had thoughts of entering public life once myself," remarked the Duck; "there are so many things that need reforming. Indeed, I took the chair at a meeting some time ago, and we passed resolutions condemning everything that we did not like. However, they did not seem to have much effect. Now I go in for domesticity, and look after my family."

"I am made for public life," said the Rocket, "and so are all my relations, even the humblest of them. Whenever we appear we excite great attention. I have not actually appeared myself, but when I do so it will be a magnificent sight. As for domesticity, it ages one rapidly, and distracts one's mind from higher things."

"Ah! the higher things of life, how fine they are!" said the Duck; "and that reminds me how hungry I feel": and she swam away down the stream, saying, "Quack, quack, quack."

"Come back! come back!" screamed the Rocket, "I have a great deal to say to you"; but the Duck paid no attention to him. "I am glad that she has gone," he said to himself, "she has a decidedly middle-class mind"; and he sank a little deeper still into the mud, and began to think about the loneliness of genius, when suddenly two little boys in white smocks came running down the bank, with a kettle and some faggots.

"This must be the deputation," said the Rocket, and he tried to look very dignified.

"Hallo!" cried one of the boys, "look at this old stick! I wonder how it came here"; and he picked the rocket out of the ditch.

"OLD Stick!" said the Rocket, "impossible! GOLD Stick, that is what he said. Gold Stick is very complimentary. In fact, he mistakes me for one of the Court dignitaries!"

"Let us put it into the fire!" said the other boy, "it will help to boil the kettle."

So they piled the faggots together, and put the Rocket on top, and lit the fire.

"This is magnificent," cried the Rocket, "they are going to let me off in broad day-light, so that every one can see me."

"We will go to sleep now," they said, "and when we wake up the kettle will be boiled"; and they lay down on the grass, and shut their eyes.

The Rocket was very damp, so he took a long time to burn. At last, however, the fire caught him.

"Now I am going off!" he cried, and he made himself very stiff and straight. "I know I shall go much higher than the stars, much higher than the moon, much higher than the sun. In fact, I shall go so high that—"

Fizz! Fizz! Fizz! and he went straight up into the air.

"Delightful!" he cried, "I shall go on like this for ever. What a success I am!"

But nobody saw him.

Then he began to feel a curious tingling sensation all over him.

"Now I am going to explode," he cried. "I shall set the whole world on fire, and make such a noise that nobody will talk about anything else for a whole year." And he certainly did explode. Bang! Bang! Bang! went the gunpowder. There was no doubt about it.

But nobody heard him, not even the two little boys, for they were sound asleep.

Then all that was left of him was the stick, and this fell down on the back of a Goose who was taking a walk by the side of the ditch.

"Good heavens!" cried the Goose. "It is going to rain sticks"; and she rushed into the water.

"I knew I should create a great sensation," gasped the Rocket, and he went out.

THE END

OSCAR WILDE

"Não tenho nada a declarar além de minha genialidade", disse uma vez Oscar Wilde aos oficiais da alfândega, entretanto a imagem conhecida do escritor como um homem de conquistas pessoais sem esforços está longe da verdade.

Nascido em 16 de outubro de 1854, em Dublin, na Irlanda, e filho de uma poetisa nacionalista, estudou no Trinity College, antes de se transferir para o Magdalen College em Oxford. Foi em Oxford que ele se aliou ao movimento artístico do Esteticismo - a Arte pela Arte - e adotou suas características únicas no vestir e no se comportar (baseados em uma fantasia que ele usou em um baile de formatura).

Casado em 1884 com Constance Lloyd, teve dois filhos a quem Wilde se devotava de corpo e alma e cujo afastamento por decisão de Constance após sua prisão foi devastador. Mesmo após o casamento, manteve-se muito conhecido e requisitados em todas as rodas literárias, honrado com todos os compromissos aos quais era convidado. Tornou-se realmente uma pessoa indispensável e comentada aos eventos sociais, espalhando glamour e comentários por onde passava. Possuía uma aparência que atraia os olhares: vestia-se elegante e extravagantemente bem, com roupas e adereços que, segundo suas próprias palavras, sempre refletiam o que de mais íntimo existia dentro dele.

Embora bem conhecido nos círculos sociais, Wilde recebeu pouco reconhecimento por sua obra durante muitos anos até a estréia de "O Leque de Lady Wildermere" que consolidou sua fama literária a partir de 1892. O simulacro, o homem e seu retrato eram a maneira da qual o autor se utilizava para relacionar-se com o mundo. Mas o período de sucesso foi extremamente curto. Na noite de estreia de sua obra-prima "A Importância de Ser Constante" em 1895, o marquês de Queensberry, pai de Lorde Douglas com quem Wilde se relacionava, iniciou uma campanha pública contra o autor. Após uma má-sucedida tentativa de processo nos tribunais contra o Marquês, Wilde acabaria sendo condenado a dois anos de trabalhos forçados por violação da moral, cumprindo parte da pena no famoso Cárcere de Reading.

Ao ser libertado, Wilde se auto-exilou em França onde viria morrer em completa obscuridade em 30 de novembro de 1900, cercado por poucos amigos ainda fieis.

[1] Meninos órfãos que moram em asilos de caridade.

[2] Optamos por nos referirmos à Andorinha no masculino, por tratar-se de um espécime macho, no original.

[3] No original, o Junco é feminino.

[4] Em francês: Palácio da Tranquilidade.